

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LORENA RUEDA PALOMO

EDUCAÇÃO CIGANA: HISTÓRIA E CULTURA DE UM POVO À MARGEM

Campinas

2017



Lorena Rueda Palomo

Educação Cigana: História e Cultura de um Povo à Margem

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob a orientação da Prof^ª. Dra. Debora Mazza, como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia.

Campinas

2017

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

P766h Palomo, Lorena Rueda, 1993-
Educação Cigana : história e cultura de um povo à margem / Lorena Rueda Palomo. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Debora Mazza.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Ciganos. 2. Educação. 3. História. 4. Cultura. I. Mazza, Debora. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações adicionais, complementares

Titulação: Licenciada

Data de entrega do trabalho definitivo: 13-07-2017

Aprovado em Julho de 2017

Prof^a Dr^a Debora Mazza

Prof^a Dr^a Nima Imaculada Spigolon

A Deus primeiramente, pois Ele que me deu forças para chegar até aqui e é quem guiará meu caminho daqui em diante. E aos meus pais, que me incentivaram e impulsionaram a chegar até aqui.

Agradecimentos:

Agradeço a Deus, pois sem ele não chegaria a lugar algum.

Aos meus pais que com amor e paciência me ensinaram a correr atrás dos meus sonhos e continuar sonhando sempre. A eles devo não somente minha vida, mas esta e todas as demais conquistas que ainda virão.

Ao meu namorado e melhor amigo Marcos Vinicius, não sei como seguiria sem seu apoio em meio as tantas crises. Com seu amor me deu forças para seguir, a cada noite em claro pelos tantos trabalhos, e sobretudo nesta reta final, com nosso filho a caminho.

A minha irmã que é um exemplo de persistência e disciplina, com você aprendo muito.

Aos meus avós, em especial a minha querida mãezinha Lígia, só Deus sabe o quanto sou grata por ter você ao meu lado em cada um dos momentos mais importantes para mim.

A minha família, que é de onde tiro forças, minha base, meu sustento.

Ao meu grande amigo Miguel Diaz por estar sempre ao meu lado não deixando que me sentisse sozinha. Seu carinho, zelo e atenção estarão sempre em meu coração e sua lembrança me acompanhará onde quer que esteja.

A minha amada madrinha Nora, por fazer papel de amiga, irmã e mãe. Sua doçura e cuidado sempre serão meu porto seguro. Amo você e te levarei sempre em minhas lembranças, orações e em meu coração.

Ao meu padrinho Ramirez, que com sua força e segurança esteve sempre ao meu lado cuidando para que seguisse firme em meus caminhos e objetivos. Sou eternamente grata por tudo o que fez e faz por mim.

Aos meus amigos, que de tantas formas me mantiveram alegre e confiante nesta jornada. Giovanna Pucinelli, que sempre me mostrou o lado bom da vida, mesmo quando ela não sorria para nós. Giovanna Munhoz e Moacir, que se

tornaram mais que amigos, verdadeiros irmãos, sei que posso contar sempre. Jéssica Cecim, meu diário vivo, minha companheira e confidente destes tantos anos. Clara, que nesses mais de quatro anos fez minhas idas e voltas á faculdade mais felizes e mais leves.

À Professora Debora Mazza por sua atenção, dedicação e esforço, para que eu tivesse a confiança e segurança necessária para a realização deste trabalho, sua ajuda foi de extrema importância para que seguisse confiante nesta temática. E a Professora Nima Imaculada Spigolon pela atenção e disponibilidade a mim dedicada, que com doçura conseguiu compreender a essência do que quis passar neste trabalho. Lhes serei eternamente grata.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração, que me deram a oportunidade de chegar onde estou agora e me abriram o horizonte para um futuro com maiores oportunidades e melhores condições de conquistar meus objetivos.

E por fim, ao meu filho Miguel Hernando, que mesmo antes de nascer já me mostra o quanto ainda tenho a aprender e o quanto essa oportunidade é mágica e especial. Só Deus sabe o quanto já o amo e o quanto sou grata pela oportunidade de ser sua mãe.

Que Santa Sara Kali derrame sobre cada um de vocês suas vibrações de amor e cuidado, abençoando-os sempre.

Ser cigano é ser forte diante da adversidade, sabendo de antemão que nada é eterno nessa vida; e isto inclui a dor, que faz parte dela.

E ainda, ser cigano é contemplar a vastidão do céu e sentir-se parte dele; olhar o horizonte da terra, e sentir-se caminhando com ela em direção ao infinito.

(Antonio Guerreiro de Faria)

Resumo:

O presente trabalho tem por objetivo um estudo bibliográfico sobre a educação que ocorre dentro de clãs ciganos. Parto do princípio de que a educação vai além dos muros da escola, estando presente em todos os ambientes de socialização. Trago, portanto, outro ambiente educacional, os clãs ciganos, nômades ou sedentarizados. Simultaneamente apresento uma pesquisa sobre a história deste povo no Brasil e no mundo.

Palavras Chave: Ciganos, Educação, História e Cultura.

Sumário:

Capítulo 01. Introdução	10
Capítulo 02. A História do povo cigano	15
2.1. A origem	15
2.2. O romani	17
2.3. “Minha pátria é onde estão meus pés”	22
2.4. À margem da história	24
Capítulo 03. Os ciganos no Brasil	29
3.1. Terra nova, velhos estigmas	29
3.2. As diferenças em meio às semelhanças	32
3.3. Políticas Públicas para os Ciganos no Brasil	36
Capítulo 04. Práticas educativas: A sociabilidade entre os ciganos	39
4.1. A família cigana: O clã	39
4.2. A mulher cigana e o casamento	42
4.3. O nascimento e as relações entre pais e filhos	45
4.4. O cigano, a religiosidade e o misticismo	47
4.5: Os ciganos e a morte	51
4.6: A justiça cigana	54
4.7: Os ofícios ciganos	55
Capítulo 05. Considerações Finais	64
Referências	66

Capítulo 01. Introdução:

O presente trabalho tem por objetivo um estudo bibliográfico sobre a educação que ocorre dentro de clãs ciganos, entendendo-a como um processo formador que ocorre fora de ambientes escolares.

O interesse pelo tema partiu de minha curiosidade por esse povo singular que apresenta tanta ambiguidade de opiniões e sentimentos pelo mundo. Lembro-me bem em minha infância de ter ouvido minha avó contando sobre as caravanas de ciganos que passavam pela cidade e as ameaças de sua mãe dizendo que se ela não se comportasse eles a levariam embora e ela nunca mais veria sua família. O interesse também surgiu a partir do pouco que ouvimos sobre eles nas aulas de história, onde eram apresentados como alvo de perseguições, tanto à época da inquisição quanto do nazismo.

Já havia me passado pela cabeça fazer meu Trabalho de Conclusão de Curso sobre este assunto, mas a princípio tive muitas dúvidas quanto a isto, pois acreditava que encontraria dificuldades na parte bibliográfica. Afinal, durante os quatro anos do curso de Pedagogia, pouco ouvi sobre os ciganos e os processos educativos deste grupo.

Entretanto, o projeto de monografia ganhou corpo na disciplina de Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais aplicadas à Educação quando fui desafiada a construir um projeto de pesquisa com interfaces com minha formação em Pedagogia, as temáticas educativas e as práticas em educação que me parecessem mais significativas.

O desafio de elaborar o projeto de pesquisa ocorreu em conversa com a professora Débora Mazza, atualmente minha orientadora, e docente da disciplina anteriormente citada. Recebi o incentivo que faltava para escolher oficialmente este tema. Quando lhe expressei meu interesse, ela me abriu olhos para a necessidade de pesquisas sobre este assunto, realmente pouco abordado na área de educação.

Parti, então, para a elaboração de um projeto de pesquisa tendo em vista me aproximar deste universo antigo e pouco trabalhado no curso de Pedagogia: a educação nos grupos ciganos existentes no Brasil e no mundo.

Para tanto, levantei bibliografias existentes sobre o tema e minha orientadora me cadastrou e me colocou em contato com o Núcleo Interdisciplinar de Estudos

Migratórios (NIEM) me apresentando como pesquisadora que buscava fontes documentais sobre os ciganos no Brasil e no Mundo.

Vários pesquisadores me responderam apresentando suas pesquisas, autores importantes, temáticas afetas ao povo cigano e assim compreendi que o campo conta com um volume significativo de pesquisas, pesquisadores e produções sobre os ciganos e suas práticas culturais.

A pesquisa com um grupo social que se caracteriza por deslocamentos e mobilidades no tempo e no espaço me impulsiona a romper com a ideia de conceber a educação como sinônimo de escolarização e conhecimentos transmitidos pela escola. Os ciganos me aproximam de uma concepção alargada de educação que se depreende dos conhecimentos adquiridos nas práticas, nas dinâmicas cotidianas, na produção material da vida e no patrimônio imaterial. Afinal, poucos ciganos tem um contato duradouro com a escola e os conhecimentos nela adquiridos. Isso não significa que eles nada sabem e nem que não tem educação.

Essa concepção alargada de educação é denominada por alguns de educação informal e tem como objeto de estudo o processo ocorrido em todas as formas de interação, a todo o tempo e em todo o lugar (MOURA E ZUCHETTI, 2007). Está presente desde o momento do nascimento até a morte de cada indivíduo.

Gohn (2006) define a educação informal como:

Aquela que os indivíduos aprendem durante o seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias de pertencimento e sentimentos herdados (...) A educação informal socializa os indivíduos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças de grupos que se frequenta ou que pertence por herança, desde o nascimento. Trata-se do processo de socialização dos indivíduos (p.28).

Por este viés, o presente estudo traz o ambiente educacional dos clãs ciganos, nômades ou sedentarizados (FAZITO, 2006). É a esta educação que o trabalho se volta, a este conhecimento passado de geração a geração, mesmo nos casos onde os clãs se fixaram em um local, pois como Fazito (2006) aponta:

Assim como os grupos sociais sedentários, ainda que estes viajem, não deixam de ser sedentários, também os ciganos, ainda que não viajem, não deixam de ser nômades. Por isso é preferível falar de ciganos sedentarizados do que sedentários, já que o primeiro termo indica uma etapa provisória para pessoas cujo movimento continua sendo importante. O nomadismo é mais um estado de espírito do que um estado de fato (p.31).

Essa pesquisa busca dar voz e visibilidade para esta diversidade de processos educativos e de construção de identidade, para estes costumes, esta educação fora do ambiente escolar. Atenta para um povo presente na sociedade há milênios de anos e que permanece à margem.

O objetivo desta pesquisa, portanto, é mostrar outras formas de educação presentes no dia a dia deste povo que nem sempre se aproxima da “forma escolar”.

O ensino de rituais de fé, da música, da dança, de comidas típicas, dos costumes próprios aos clãs ciganos passados às novas gerações, mais do que apenas costumes transmitidos, são a própria vida deste povo que se mantém frente a tantos desafios, desvalores e preconceitos. Para eles, como belamente escreveu a poetisa Cecília Meireles em seu poema "Motivo", “(...) a canção é tudo”. E por meio desta canção, desta arte, a arte de viver e muitas vezes de sobreviver deste povo que me interessa por pesquisá-los.

Quero dar centralidade a um povo ancestral e comumente marginalizado. Um povo que provoca uma dualidade de sentimentos. Ao mesmo tempo que seu modo de vida provoca curiosidade e chama atenção, continuam sendo tratados de maneira discriminatória.

Em vários países os ciganos continuam sendo oprimidos. Na Espanha, por exemplo, foi necessária uma campanha para retirar dos dicionários da língua espanhola a definição de trapaceiro designado pela palavra “gitano” (Campanha “Yo no soy trapacero”, 2015).

Figura 1- Campanha Espanhola contra a discriminação do povo cigano



Fonte: Site Gitanos.org

Na Itália, houve a expulsão de muitos ciganos denominada de “o êxodo pelo medo”. Esses exemplos despertam questionamentos sobre até que ponto eles escolheram ser nômades? Será que está condição lhes foi imposta?

O trabalho espera contribuir para o rompimento da escassez de pesquisas nesta área, onde a falta de conhecimento sobre este povo acaba por aumentar a discriminação e a violência que recai sobre eles em cada local que resolvem acampar ou se fixar. A divulgação de pesquisas como essa pode ajudar a promover a quebra dos estereótipos que acompanham os ciganos há tanto tempo, trazendo-os como realmente são, pessoas, cidadãos, seres humanos, iguais aos gadjé (não ciganos), apenas com uma cultura diferente, assim como tantos outros povos.

Torna-se de vital necessidade que os estudiosos (...) descubram o verdadeiro sentido da nossa idiossincrasia. Então desaparecerão muitas injúrias, desaparecerá a injusta legenda negra que pesa sobre nós, e seremos conhecidos, tal como realmente somos, tornando-nos responsáveis dos nossos defeitos, que não os negamos, reconhecendo, porém, o que de positivo há nos nossos valores étnicos, sociais e humanos. (HEREDIA, 1974).

Pretendo estruturar o presente trabalho por meio de bibliografia na área de antropologia, educação informal, história e pesquisas anteriores sobre os ciganos, no Brasil e no mundo. Faço uso também de recursos artísticos (poesia, música, filmes e imagens), pois a arte diz muito sobre como este povo continua

vivendo, e conferindo sentido a vida, com alegria frente a tantos desafios enfrentados.

Nos dois primeiros capítulos trago a história dos ciganos no mundo e, posteriormente, sua história relacionada ao Brasil, mostrando como este povo esteve presente em toda a história humana e, dessa forma, no nosso país não poderia ser diferente. Escrevo também sobre sua língua e identidade, a cultura de liberdade que eles apresentam e o nomadismo que hoje em dia não está mais presente em todos os clãs ciganos.

Figura 2- Acampamento cigano perto de Arles- França visto pelo pintor Vicent Van Gogh



Fonte: Site wikipedia.

Por fim, no terceiro capítulo, abordo a temática da educação dentro dos clãs ciganos. Como encaram os momentos marcantes da vida, tais como: o casamento, a morte, a relação familiar, os rituais de fé, as datas comemorativas, como é vista a infância, juventude e maturidade, enfim, trago as representações passadas para as futuras gerações ciganas e a importância desse repertório para a manutenção cultural deste povo.

Esta pesquisa se desenvolveu durante os anos de 2016 e primeiro semestre de 2017. No ano de 2016 realizou-se o projeto de pesquisa e a leitura das bibliografias necessárias. E no ano de 2017 a escrita do trabalho de conclusão de curso e a entrega da versão final.

Capítulo 02: A História do povo cigano

Este capítulo aborda a princípio a origem do povo cigano e as diversas teorias que sugerem múltiplas interpretações.

Em sequência, discorre sobre a história do povo cigano, seu nomadismo, o costume de não permanecer em um território específico, as perseguições acumuladas ao longo do processo de unificação dos estados nacionais que definem como nação uma comunidade estável constituída por um agregado de indivíduos, com base num território, numa língua e com aspirações materiais e imateriais comuns (HOBSBAWM, 2002).

O povo cigano ao não se vincular a um território, a um estado e não ter uma única língua, na geopolítica moderna, não se configura como uma nação. Isso acaba por dificultar a sua aceitação.

2.1. A origem

A origem da etnia cigana ainda permanece no terreno escorregadio e nebuloso das hipóteses (MACÊDO, 1992, p.24).

A origem dos ciganos e sua dispersão inicial pelo mundo é um tema que desperta divergências entre os estudiosos, sendo incerta até hoje por não apresentar resultados satisfatórios.

A falta de informações suficientes sobre o assunto deve-se, sobretudo, ao fato de que em suas diversas andanças pelo mundo os ciganos foram incorporando uma parte dos costumes locais ao seu repertório, havendo uma grande mistura em suas práticas.

A princípio, com um embasamento mais religioso do que científico acreditava-se que eles eram originários do Egito (SANT'ANA, 1983, p.22). Esta hipótese se deu também embasada pela cor de pele e aparência dos ciganos que chegavam à Europa Central. Até hoje, muitos ciganos afirmam ser este seu país de origem.

A respeito de atribuírem ao Egito suas origens pela aparência e costumes ciganos, China (1936) relata:

Tinham cabelos pretos e crespos, usavam argola de prata nas orelhas; as mulheres eram (...) bruxas e prediziam o futuro. (...) Repetiam a mesma história de haverem sido expulsos do Egito por se terem convertido ao cristianismo (p. 6).

Até o modo como são conhecidos hoje (ciganos, gitanos, gypsies, entre outros) são abreviações do termo “egípcio”, pois quando chegaram à Europa eram assim conhecidos. A exemplo disso, há o termo gitanos, do espanhol, que seria a abreviação de egiptanos (CHINA, 1936, p.7).

Comparando, principalmente, seus costumes, crenças, ofícios e língua, ao de outros povos, estudiosos começaram a criar hipóteses quanto às rotas migratórias feitas pelos ciganos e a absorção de parte de seu conteúdo cultural. Todavia, o motivo de partirem de suas terras originárias e iniciarem esta migração e o período que isso aconteceu são outras questões incertas até hoje, havendo lacunas na história dos ciganos.

A partir destes estudos, por meio das profissões praticadas por este povo, presumiram ser indiana sua origem, pois, no antigo sistema de castas indiano os párias recebiam cargos que as castas superiores achavam indignas, funções estas muito semelhantes as dos ciganos, como cuidar de animais e forjar metais (SANT’ANA, 1983. p.26). Por não se submeterem ao sistema de castas começaram a se dispersar no próprio território hindu a princípio, e posteriormente pelo restante do mundo.

Estudos também aproximaram os ciganos aos judeus, pela dispersão de ambos os povos pelo mundo em virtude de perseguições políticas, raciais, econômicas e religiosas, entretanto, a falta de demais semelhanças descartou esta possibilidade.

Partiu-se então para o estudo da língua romani na tentativa de encontrar um suporte material para determinar tal origem. Leyde Stephan Valyi, em 1763, encontrou proximidade entre vocábulos indianos e ciganos, concluindo que o romani provinha de uma língua hindu próxima ao sânscrito (SANT’ANA, 1983, p. 28).

Após esta descoberta foram realizados outros estudos para comprovarem a origem hindu da língua cigana e o pesquisador Auguste Frédéric Pott, concluiu que o romani tem apenas alguns fragmentos da língua falada na Índia, podendo equivaler somente a uma etapa na extensa trajetória territorial dos ciganos.

Percebe-se assim que, pelo nomadismo, característica marcante nos coletivos ciganos, há um pouco da cultura de todos os países por onde andaram ligadas aos seus costumes, o que impede a reconstrução de sua origem por meio de comparações, não havendo um consenso até hoje. Entretanto, a maioria dos estudiosos desta temática insiste na origem hindu deste povo, apesar da carência de documentação.

Um dos argumentos para a incessante busca de uma origem para o povo cigano advém da importância de uma memória coletiva para fortalecer sua identidade étnica, buscando uma história compartilhada para unificar as diversas comunidades dispersas pelo mundo (GUIMARAIS, 2012. p.16).

2.2. O romani

Nossa língua

Amo você,
 Nossa língua.
 Você é rica e pobre
 como nós.
 Quando estamos tristes
 você nos dá as palavras para
 chorar,
 quando estamos contentes
 você nos dá as palavras para nos
 alegrar,
 quando temos que nos esconder
 você, nossa língua, nos ajuda.

Você viajou junto a nós

ao longo das estradas do mundo,
 era o fogo das nossas canções,
 e agora
 nestes terrenos insalubres
 que os gadjôs nos reservam
 você morre um pouco a cada dia,
 como nós.

Se te perdermos
 nós também estaremos perdidos.
 Escutem, rapazes,
 escute, juventude,
 os nossos velhos ciganos
 nos deixaram
 esta bela e doce língua.
 Não a esqueçamos,
 ensinemos aos nossos filhos,
 conservemos sempre conosco
 como o único tesouro que nos
 pertence.

(HILKNER, 2008, p.04)

Os ciganos, sendo um povo de cultura estritamente oral, ágrafa, veem no romani, não só um meio para se comunicarem entre si, mas também um modo de manterem suas tradições vivas e de se manterem unidos. Vai muito além de uma língua, é o suporte que os mais velhos dispõem para transmitirem para os mais novos os conhecimentos, a história, o modo de pensarem e como vivem. É também, uma maneira de se reconhecerem, pois como o romani é ensinado no cotidiano vivido pelos ciganos, somente eles conseguem fala-lo e significa-lo. Mantendo essa língua restrita aos ciganos (HILKNER, 2008, p. 86 e 87). Para eles, perderem esta língua seria o mesmo que perderem os costumes, principalmente por não terem pátria. Como afirma o cigano Carlos Calderas no livro de Pereira (2009), “Nossa língua é nossa pátria”.

As histórias são transmitidas para homens, mulheres, crianças, velhos e moços. (...) Só a tradição oral mantém a continuidade de experiências coletivas ou uma determinada concepção de vida. É a forma viva coletivamente funcional de cultura das massas. (...) A palavra falada produz outros valores – significa mais do que diz (MACÊDO, 1992, p. 37).

A língua romani é composta por uma infinita mistura de dialetos, não pode ser, deste modo, relacionada a um único idioma.

Certamente, no seu peregrinar por todo o mundo, os nossos antepassados ciganos viram-se obrigados a tomar palavras dos diferentes lugares por onde iam passando. Assim, não é estranho observar a presença de palavras persas, armênias, eslavas, vascas, castelhanas ou francesas, assim como estes mesmos idiomas tomaram para si muitas palavras de origem cigana, também por causa da presença continuada das nossas gentes em todos esses países (HEREDIA, 1974, p. 155).

A União Romani Internacional pretende unificar todos os dialetos ciganos tendo como objetivo facilitar a comunicação entre eles, todavia tais intenções mostram-se inviáveis, afinal, mesmo tendo o romani como base, os ciganos tiveram as influências dos locais por onde viveram e isso também se reflete em sua língua (PEREIRA, 2009, p. 49). Tais variações, porém, não impedem a comunicação entre eles.

Por muitos anos, inicialmente na Europa, mas posteriormente também no Brasil, houve grande preconceito e perseguição à cultura cigana, incluindo deste modo o romani. Esse era visto como uma língua pobre, limitada, usada como meio de enganar os não ciganos, e por isso, foi proibida durante muito tempo em países como a Espanha e Portugal.

Na Espanha, em 1619 foi promulgada uma lei de Felipe III que expulsava os ciganos do reino. Aqueles que quisessem ficar em território espanhol deveriam cumprir certas condições, tais como: não usar nomes, vestimentas ou língua de seu povo de origem, pois deste modo, imaginava-se poder apagar a história dos ciganos neste reino. Depois desta lei, os reis subsequentes continuaram tais proibições,

declarando –os como vagabundos permitindo a permanência somente daqueles que abrissem mão de seus costumes e modos de vida (CHINA, 1936, p.170).

Em Portugal, por sua vez, em 1647 D. João IV ordenou, em Alvará, diversas medidas anticiganas, dentre as quais, não poderiam usar seus trajes, falar seu idioma e nem ensiná-lo aos filhos. Três anos depois, ordenou que tirassem da corte portuguesa algumas ciganas que ainda se vestiam como tais e falavam o romani. Em 1708, D. João V, continuou o mesmo legado proibindo tais costumes, sobretudo em negociações no mercado (CHINA, 1936, p. 171).

No Brasil, por sua vez, em 11 de abril de 1718, ao chegarem alguns ciganos degradados de Portugal já eram submetidos à proibição do uso de sua língua, a fim de que ela logo se extinguisse. As proibições, assim como na Europa, não surtiram muito efeito e só melhoraram após a independência. Entretanto, ainda assim, o idioma era tido apenas como uma gíria, e não respeitado como uma língua. (CHINA, 1936, p.184, 186 e 189).

Segundo China (1936), este descaso é dirigido ao povo cigano não apenas com relação ao menosprezo de sua língua, mas a toda sua cultura, raça e costumes.

Foram as próprias condições de vida e a necessidade de se proteger contra um meio hostil que modelaram a estrutura inimitável da família cigana. (...) A afirmação de que a língua constitui uma das chaves da identidade de um povo é particularmente válida no caso dos Roma. Este povo, disperso através do mundo inteiro numa diáspora de séculos, está unido na verdade apenas por uma origem comum, de que a língua é testemunha decisiva (MACÊDO, 1992, p. 41).

A oralidade para os ciganos é a maneira de se manterem vivos frente a uma sociedade completamente hostil ao seu modo de vida. A sociedade capitalista atual cobra agilidade, afinal “tempo é dinheiro”, cobra estabilidade financeira, para que consumam cada vez mais, e o resultado acaba sendo uma imensidão de relações superficiais. Os ciganos rompem com isso, seu estilo de vida, sobretudo os nômades, não os permite se prenderem ao trabalho, ao consumo desenfreado e as relações superficiais. Eles se orgulham de serem livres e tal liberdade não é somente nos caminhos que percorrem, mas na vida que levam, na base familiar que é o maior zelo para eles, na união e partilha das condições em que vivem.

A cultura cigana ergue-se em sinal de protesto ao não conceder às coisas materiais mais valor do que realmente tem (HEREDIA, 1974, p. 40).

De infinitos modos eles rompem com a sociedade dominante, e por isso acabam sendo hostilizados, mesmo frente à curiosidade que este distinto estilo de vida desperta nos não ciganos. A perseguição histórica a este povo se estende a sua língua, que é o modo que encontraram de manterem vivas suas tradições seculares, mas não se limita a ela.

A linguagem, a palavra cigana é, portanto, condição fundamental para que as sociedades ciganas existam e a cultura possa ser transmitida de uma geração à outra (HILKNER, 2008, p. 67).

Muito antes de existir o alfabeto, já se usava outros modos de leitura do mundo. Quando a escrita ainda não existia, os homens ainda assim encontravam meios de transmitirem seus saberes, através de diversas práticas de oralidade. A troca com o meio ambiente permite e antecede a criação de signos e símbolos. A história oral, pois, acaba sendo um instrumento para preservar o patrimônio não-físico e imaterial da humanidade. (MACÊDO, 1992, p.44 e 190).

A linguagem escrita é somente uma das formas de manifestação cultural e o valor a ela agregado quem atribui é a sociedade contemporânea. Na maior parte da história humana a escrita não era utilizada e as muitas formas de expressão e de arte eram as manifestações culturais de maior valor.

Hoje em dia, confunde-se cultura com identidade dos coletivos entendida como a “totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam a nossa etnia. É um elevado conceito de valor. Nós temos a cara da nossa cultura” (MACÊDO, 1992, p.38).

Exatamente pelo valor que damos a escrita, que resulta a desvalorização de povos ágrafos, como os ciganos, abrindo margem para a inferiorização deles como etnia.

Há necessidade de uma redefinição do conceito de comunicação cultural que reconheça o valor criativo da palavra viva no seio da comunidade (MACÊDO, 1992, p. 190).

2.3. “*Minha pátria é onde estão meus pés*”

O nomadismo, assim como a cultura ágrafa, difere dos costumes da sociedade dominante, majoritariamente sedentária e gráfica. Estes hábitos, juntamente com a falta de uma ligação a uma pátria e origem bem definidas, acabam resultando em maior hostilidade e não reconhecimento como grupo étnico (VAZ, 2005, p.02).

(...) dizem que os ciganos não tem pátria, não tem objetivo por estarem sempre caminhando, logo, não existem quanto etnia. Seríamos um aglomerado de vários povos (PEREIRA, 1991, p. 130).

Em toda a história, de geração a geração, transmitiu-se a ideia de que o diferente é uma ameaça e assim, discriminou-se os comportamentos distintos dos nossos. Isso foi se padronizando por um “sistema cultural” e tornou-se uma “herança cultural” (VAZ, 2005, p.09), onde o seguro é o conhecido, o sedentarismo, e o diferente, o nomadismo, é o “não confiável, o suspeito” (HILKNER, 2008, p.45 e 46).

(...) temo-nos encontrado com uma sociedade que se julga na posse da verdade em ordem à realização da felicidade do homem sobre a terra e despreza quem não se ajusta ao sistema de vida por ela estabelecido (HEREDIA, 1974, p. 307).

O nomadismo, que impunha uma fronteira móvel ao território cigano, manteve este povo a margem da sociedade. Para fugirem de imposições feitas aos seus costumes nos territórios por onde andavam, os ciganos viram no nomadismo uma estratégia para se tornarem invisíveis e assim, manterem sua identidade étnica e autonomia perante as deliberações e opressões sociais (HILKNER, 2008 , p.37).

A natureza autônoma dos ciganos, e a busca por fugir das dominações que queriam impor-lhes os impeliu ao nomadismo na busca incessante de um presente melhor (PATERNINA E GAMBOA, 1999, p.158).

Desde o início, ainda incerto, de sua diáspora, os ciganos foram expulsos de diversos países, sendo associados como criminoso, ladrões, raça impura, inferiores, propagadores de doenças, hereges, entre tantos adjetivos ofensivos, na busca de justificar as medidas tomadas contra eles e a manutenção a distância imposta pelos não ciganos (VAZ, 2005, p. 02).

Tais termos se enraizaram no imaginário popular até os dias atuais, fazendo parte da trajetória cigana no Brasil e no mundo (HILKNER, 2008, p.39). A exemplo disso há campanhas na Espanha e no Brasil para tirarem dos dicionários a definição de trapaceiro a palavra cigano.

(...) a consolidação das identidades (regionais e étnicas) se orienta pelas disputas em torno da classificação, isto é, do poder de “divisão” do mundo social e da nomeação dos vínculos sociais em categorias mentais (representações simbólicas) elaboradas nos discursos e nas práticas cotidianas – tanto aqueles que fazem parte do senso comum quanto os que definem no campo especializado do saber erudito (FAZITO, 2006, p. 692).

Por isso muitos ciganos preferem a denominação rom (do romani, homem, pai de família), pois julgam estar a palavra cigano repleta de caráter pejorativo, pelo desgaste a ela atribuído durante os séculos (PEREIRA, 2009, 25).

Deste modo, observa-se que em sua dispersão, por mais que muitos a considerem “prejudicial à existência dos ciganos como etnia, eles mesmos a veem como fator fundamental para a sobrevivência como povo” (PEREIRA, 2009, p.18). É a partir desta que eles se firmam como pertencentes à etnia cigana, rompem com o padrão dominante e permanecem firmes frente a tantos empecilhos e perseguições advindas da sociedade, não só hoje, mas como fizeram em toda a história.

Quando chegávamos a um lugar e montávamos as nossas tendas, vinham sempre os gadjôs e a polícia tirar-nos dali, presos a preconceitos que seus antepassados passavam e ainda transmitem

de geração à geração. Do preconceito à discriminação, até chegar à perseguição (HILKNER, 2008, p. 69).

Acredito ser importante fazer um adendo quanto à situação atual dos ciganos. Hoje em dia, muitos grupos cederam a vida sedentária, entretanto, se mantêm fieis as tradições ciganas e como eles mesmos dizem, mantêm a liberdade cigana em suas almas. Observa-se, portanto, que o “ser cigano” pode diferir de grupo para grupo e que faz parte da inigualável capacidade de adaptação deles ao meio em que vivem (PATERNINA E GAMBOA, 1999, p.159).

2.4. À margem da história

Mas é na perseguição que se pode reconstruir palmo a palmo a história deste povo que (...) se dispersou pela Europa entre os séculos X e XVI (MACÊDO, 1992, p.29).

É impossível desvencilhar a história dos ciganos ao histórico de perseguições a eles cometidas. Desde sua primeira migração, mesmo ainda incerta a época e o local, já acreditam ter ocorrido pelo fato de perseguições a eles impostas. E este histórico não cessou até os dias atuais.

Entre os séculos XIV e XV, quando os ciganos espalham-se significativamente por toda a Europa a princípio foram recebidos com curiosidade por serem muito diferentes dos que ali habitavam. Vindos de terras distantes, com costumes diversos acabaram aguçando a imaginação da população europeia. Todavia, não tardou para os taxarem como bruxos, pagãos e bandidos, espalhando estes boatos por toda a Europa, servindo como base para os primeiros estereótipos a eles designados (FAZITO, 2006, p. 698 e 699).

(...) o fluxo de centenas de milhares de migrantes nas estradas incita a maioria dos países do oeste a pedir aplicação enérgica das leis policiais referentes aos vagabundos e estrangeiros perigosos,

ordenando a esses novos nômades que retornem ao seu lugar de origem, ou que prossigam o seu caminho (MARTINEZ, 1989, p. 22).

Assim que percebem o modo de vida oposto que os ciganos levam, tanto com relação ao nomadismo, sua língua própria e vestimentas, quanto a suas crenças e misticismo, mesmo com os ciganos se alegando cristãos, a população europeia passou a hostilizá-los, repleta de preconceitos, devido ao choque cultural entre eles (PEREIRA, 2009, p.29).

De agora em diante, as cidades se fecham quando chegam. Não são mais um povo, mas errantes perigosos, detentores de pretensos poderes que só assustam os ingênuos, e são, com a adivinhação, ou a magia amorosa, aspectos de mendicância e roubo (MARTINEZ, 1989, p. 16).

Por onde passaram foram vítimas de severidades governamentais, religiosas e repulsa popular, sob inúmeras alegações, dentre elas a de que roubavam crianças, faziam uso de sua língua própria para enganar, roubar, espalhavam doenças por onde passavam, entre outras. À medida que a população se inflamava ainda mais contra eles, surgiram decretos cada vez mais severos e hostis por parte dos reinados europeus (SANT'ANA, 1983, p.30 e 31).

A igreja considerava pecado o costume cigano de ler a sorte nas cartas e fomos queimados na fogueira e, o Estado viu em nosso nomadismo um comportamento antissocial. Fomos proibidos de usar nossos trajes, de cores vivas, de falar nossa língua, de exercer nossos ofícios e também de nos casarmos com pessoas do mesmo grupo (HILKNER, 2008, p. 71).

Os costumes ciganos, não somente o da leitura do passado, presente e futuro das pessoas, mas também a dança e o fato deles não dependerem da igreja para cerimônias como o casamento e o batismo, confrontava as morais religiosas vigentes, sendo uma afronta à Igreja que buscava o controle social. “O agravante

disto era que uma vez atingida a Igreja, toda a sociedade também se sentia afetada” (TEIXEIRA, 2008, p.06), inclusive pelo poder que ela mantinha na época.

De encontro aos interesses da Igreja, as vontades monárquicas da época era a de reinar sobre servidores produtivos, independente das profissões exercidas, banindo, assim, os “inúteis” e vagabundos (MARTINEZ, 1989, p.16), dentre os quais, para eles, os ciganos se enquadravam. A exemplo disso encontra-se várias leis de Reis Católicos, por toda a Europa, que buscavam banir os ciganos de seus reinos ou, ao menos, sedentarizá-los, sob penas duras, que variavam da prisão, banimento, açoites até a pena de morte.

Ordenamos, aos egípcios que andam vagabundos pelos nossos reinos, com suas mulheres e filhos, que desde o dia em que esta lei for notificada, e pregoada na nossa corte, e nas vilas e cidades e lugares que são cabeças de partidos, até sessenta dias depois, cada um deles viva do ofício de que melhor se souber aproveitar, estando de permanência nos lugares onde acordarem assentar a tomar viver dos senhores a quem sirvam, e deem-lhes do que precisarem, e não andem mais juntos, vagueando pelos nossos reinos, e não como o fazem até agora ou dentro dos outros sessenta dias seguintes saiam dos nossos reinos e não voltem a eles de maneira nenhuma, sob pena de que se lhes forem encontrados ou apanhados juntos sem ofício ou sem senhores, passados os tais dias que deem a cada um cem açoites na primeira vez, e os desterrem, perpetuamente, destes reinos; e na segunda vez que lhes cortem as orelhas e os tornem a desterrar, como está dito; e na terceira vez, que sejam escravos dos que os apanharem, para toda a vida (HEREDIA, 1974, p. 309 e 310).

Tais medidas políticas de perseguição podem ser observadas em diversos países europeus da época, tais como, França, Inglaterra, Hungria, Boêmia e, onde adquiriram caráter mais severo, Portugal e Espanha.

Estas medidas buscavam “submeter os ciganos a um processo sistemático de deculturação e de desintegração como grupo” (SANT’ANA, 1983, p.32), entretanto, por resistência dos grupos ciganos acabou fracassando.

No Brasil, como em Portugal, como nos outros países europeus ou de civilização de origem europeia, as medidas legislativas não conseguiram fazer desaparecer os ciganos nem sequer os seus costumes inveterados (COELHO, 1892).

Como Fazito (2006) bem exemplificou, “o discurso classificatório das pessoas e dos grupos em categorias separadas (ciganos e não-ciganos, hereges e cristãos, primitivos e modernos), orienta o conjunto das práticas discriminatórias violentas” (p.694), e isso não mudou com o decorrer da história dos ciganos.

O século XX marcou a etnia cigana profundamente devido à extrema dificuldade passada por eles no período nazista. Cerca de seiscentos mil ciganos padeceram nos campos de concentração, mesmo ainda sendo um número incerto, pois muitos ao chegarem já eram destinados a câmaras de gases ou crematórios mesmo antes de receberem uma numeração de matrícula.

Desde 1929 as sanções contra os ciganos começaram, onde foram proibidos de transitarem na Alemanha sem autorização policial e se não conseguissem provar que estavam empregados poderiam ser presos em reformatórios por até dois anos. Após a ascensão de Hitler ao poder as restrições a eles se tornaram ainda mais rígidas, sendo expulsos do país caso não provassem a nacionalidade alemã (MACÊDO, 1992, p.77).

Posteriormente o interesse nazista sobre as características raciais dos ciganos aumentou, piorando ainda mais a situação deles na Alemanha e nos países sob regime nazista.

Entre 1937 e 1938 os ciganos foram enviados em massa aos campos de concentração onde foram submetidos a experiências de esterilização e extermínio (PEREIRA, 2009, p.37).

Segundo Macêdo (1992), em seu livro “Ciganos: natureza e cultura”, o genocídio ocorrido pode ser dividido em três tipos: pela esterilização, ou impossibilidade de procriar, por deportação ou extermínio, sendo este último o de preferência dos nazistas.

Houveram diversas formas de extermínio cigano e judeu, dentre elas os pelotões de execução e campos de concentração. Dentre estes campos, o mais conhecido é o de Auschwitz, onde morreram inúmeros ciganos.

Os ciganos tentaram resistir como puderam, como relata Myriam Novitch (1984):

O amor à música serviu-lhes por vezes de consolo no martírio. Famintos e cobertos de piolhos, eles se juntavam diante dos hediondos barracões de Auschwitz para tocar música, encorajando as crianças a dançar.

Nestes campos, os ciganos eram destinados à morte ou a trabalhos forçados, entretanto, muitos sucumbiram às condições sub-humanas em que eram submetidos.

Ainda que à margem da sociedade e com o sofrimento que permeia toda a história deste povo eles se mantêm vivos como grupo étnico até os dias atuais, mesmo com a sedentarização de grande parte dos ciganos.

Tidos como um grupo fechado, que luta para manter longe dos gadjé seus costumes e tradições, tais medidas são justificadas perante o histórico de preconceitos e perseguições a eles cometidas.

A reação quase instintiva e inata que os ciganos desenvolveram em relação às leis e aos costumes dos não-ciganos pode ser entendida como consequência desses séculos de perseguições sofridas na civilização europeia. Não é de estranhar que até hoje muitos ciganos estejam fortemente apegados a suas leis e hábitos, por vezes fechados em si mesmos, pois, durante séculos, esta foi a sua única forma de sobrevivência. Como ressalta um pensamento cigano: (...) A lei dos reis tem destruído a lei dos ciganos (PEREIRA, 2009, p.31).

Capítulo 03: Os ciganos no Brasil

Este capítulo aborda a vinda dos ciganos para o Brasil e a participação deste povo na história nacional. Expõe também a divisão entre os grupos de ciganos aqui pertencentes e como é difícil a generalização de um povo marcado por tanta pluralidade, sobretudo pela influência da época e locais distintos por onde passaram. E por fim, relata as leis dirigidas a eles atualmente no país e como pode diferir da realidade vivenciada.

3.1. Terra nova, velhos estigmas

Como abordado anteriormente, tanto na Espanha quanto em Portugal as leis contra os ciganos e a manutenção de sua etnicidade foram severas. Fugindo de tais deliberações da Espanha adentraram Portugal, onde não encontraram medidas diferentes das anteriores.

Com as colônias da América e da África viram também a possibilidade de se livrarem dos “indesejáveis” que além de improdutivos aos reinos também perturbavam a ordem social (PEREIRA, 2009, p.31).

Fugindo da perseguição dos Reis Católicos, os ciganos entraram em Portugal (...). Na corte portuguesa, vinte e cinco anos depois da descoberta do Brasil, já se pediam providências do rei contra eles. Em 1526 os ciganos foram proibidos de entrar no reino (...). A partir de 1574 integram as famosas legiões de deportados pelo Rei Dom Sebastião e foram parar também no Brasil (MACÊDO, 1992, p. 29 e 30).

Deste modo, a partir das disposições legais portuguesas, a data da provável vinda dos ciganos ao Brasil foi estipulada pelos ciganólogos, acreditando-se estarem eles entre os primeiros degredados vindos de Portugal (SANT'ANA, 1983, p.34).

Em 1574, em resolução de D. Sebastião, o cigano João de Torres e sua família, foram condenados a pena de cinco anos de degredo ao Brasil (CHINA, 1936, p.47). Entretanto, somente no fim do século posterior, mais precisamente em 1686, que a deportação dos ciganos de Portugal para o Brasil se generalizou, com decretos que destinavam ciganos ao Maranhão (MACÊDO, 1992, p.57).

Dom João, por graça de Deus, Príncipe Regente de Portugal e de Algarves, d'aquém e d'além Mar. Faço saber a todos os que esta carta virem que Eu, Príncipe Regente envio banidos para a colônia brasileira vários ciganos – homens, mulheres e crianças – devido ao seu escandaloso procedimento neste reino. Tiveram ordem de seguir em diversos navios destinados a este porto, e, tendo eu proibido, por lei recente, o uso de sua língua habitual, ordeno que cumpra essa lei sob ameaça de penalidades, não permitindo que ensinem dita língua a seus filhos, de maneira que daqui por diante o seu uso desapareça (HILKNER, 2008, p. 37).

A escolha de mandarem os ciganos para Maranhão se deu por ao menos dois motivos: afastá-los das áreas de mineração e dos principais portos do país; e, preferindo os ciganos aos índios, queriam que eles ocupassem territórios que ainda pertenciam aos índios. Ainda é incerto o número de ciganos vindos para o Brasil neste período, os motivos de degredo e as capitanias de destino (TEIXEIRA, 2008, p.16).

Mesmo tendo destino delimitado, logo que recebessem as penas de degredo, ao chegarem ao Brasil, os ciganos se espalharam pelas diversas capitanias (SANT'ANA, 1983, p. 34).

Em 1760, houve outro decreto destinado aos ciganos que haviam sido degredados para o Brasil (CHINA, 1936, p.51):

Eu El Rei faço saber aos que este Alvará de Lei virem que sendo-me presente que os ciganos que deste Reino tem sido degredados para o Estado do Brasil vivem tanto à disposição de sua vontade que usando dos seus prejudiciais costumes com total infração das minhas Leis, causam intolerável incômodo aos moradores, cometendo continuados furtos de cavalos, e escravos, e fazendo-se

formidáveis por andarem sempre incorporados e carregados de armas de fogo pelas estradas, onde com declarada violência praticam mais a seu salvo os seus perniciosos procedimentos; considerando que assim, para sossego público, como para correção de gente tão inútil e mal educada se faz preciso obrigá-los pelos termos mais fortes e eficazes a tomar vida civil (...) que vivam em bairros separados, nem todos juntos, e lhes não seja permitido trazerem armas, não só as que pelas minhas leis são proibidas, que de nenhuma maneira se lhes consentirão, nem ainda nas viagens, mas também aqueles que lhes poderão servir de adorno. E que as mulheres vivam recolhidas e se ocupem naqueles mesmos exercícios de que usam as do país. E hei por bem que pela mais leve transgressão do que neste alvará ordeno, o que for compreendido, nela seja degredado por toda a vida para a ilha de São Thomé, ou do Príncipe, sem mais ordem e figura de juízo (...) (VAZ, 2005, p. 09).

Mostrando assim, que estes decretos, leis e alvarás seguiram perseguindo os ciganos de Portugal até o Brasil Colônia (PEREIRA, 2009, p.33).

Em permanente e renovada presença no Brasil, desde 1574, os ciganos continuam cercados de incompreensões, discriminação e intolerância. Mas conseguiram impregnar o cerne da alma e do mundo interior brasileiro de ciganidade, enfeitando-os (MACÊDO, 1992, p. 25).

Enfeitados ou não, a presença dos ciganos desde os primórdios da história do país é um fato, assim como a discriminação a eles empregada desde sua chegada ao país. Acompanhando os preconceitos de Portugal, a denominação “cigano” seguiu sendo usada como ofensa também no Brasil. O que foi mostrado recentemente na novela da rede Globo “Velho Chico” (2016), em que houveram várias cenas onde a personagem Encarnação usa o termo “gitana” como ofensa a personagem Iolanda.

Um misto de intolerância e posturas contraditórias, sejam de origem econômica, política, cultural ou religiosa, e expressas tanto pelas

autoridades, como pela população ou mesmo pelos próprios ciganos, sempre permearam a trajetória desses grupos no Brasil. (BORGES, 2007, p.23).

3.2. As diferenças em meio às semelhanças

No domínio dos ciganos, não existem senão múltiplas identidades. Daí que o termo cigano não designa as comunidades por nomes que elas próprias dão para si. Ele designa, isto sim, uma abstrata imbricação de comunidades ciganas. A diferença é muito grande, pois na realidade não existem ciganos, mas sim diversas comunidades (historicamente diferenciadas) chamadas de ciganas, mantendo relações de semelhança e/ou dissemelhança umas com as outras (TEIXEIRA, 2008, p.11).

Mesmo que o termo cigano possa compreender esse povo que tem como características uma língua comum e a mesma etnia, ainda é muito complexo conceitua-los, pois são grupos diversos (PEREIRA, 2009, p. 44). O nomadismo e sua dispersão pelo mundo proporcionaram muitos contatos interétnicos e a necessidade de adaptação ao local em que pousavam, tornando arriscado classificar com uma unidade as diferentes comunidades ciganas (TEIXEIRA, 2008, p.11).

Toda história dos ciganos é, na verdade, uma viagem nas línguas, na estética, nas políticas antivagabundos e antiartistas, nas religiões, nas concepções de mundo, com os quais vários grupos ciganos, sucessiva e contraditoriamente, tiveram contato. Nisso a universalidade dos ciganos se manifesta (TEIXEIRA, 2008, p.11).

Suas características culturais comuns estão intimamente ligadas a sua resistência à pressão externa das sociedades em que vivem e viveram, afinal, sempre se mantiveram a margem, sob variados estereótipos (FAZITO, 2000, p.55).

Talvez a resistência seja o principal elemento a partir do qual podemos pensar os ciganos, pois, como compreender uma “cultura” que sobreviveu durante centenas de anos às diásporas, perseguições, preconceitos e todos os tipos mais elaborados de políticas anticiganas? (FAZITO, 2000, p.56).

Porém, mesmo frente à origem em comum, sua linguagem, resistência perante os não ciganos, enfim, mesmo pertencentes a mesma etnia, ainda assim há grande diferença entre os diversos grupos e subgrupos ciganos. A principal dentre elas, atualmente, é o nomadismo e a frequente sedentarização dos ciganos em diversas partes do mundo.

Na atualidade, como em toda a história, os ciganos nômades encontram maiores dificuldades, pelos inúmeros preconceitos, não somente por parte dos gadjé, mas também dos próprios ciganos sedentários, havendo rivalidades entre eles por esta razão, onde uns se acham “mais ciganos” que outros devido a seus modos de vida. Porém, alguns se mantêm assim por não conseguirem se adaptar a vida sedentária.

Esse é o caminho escolhido pelos ciganos nômades, o que não significa que seja o único, pois não se pode considerar somente o nômade como o verdadeiro cigano. Os sedentários também foram educados dentro de seu grupo familiar para depender só parcialmente da sociedade majoritária e, por mais sedentarizados que estejam, são, antes de tudo, nômades, falando-se em termos de visão de mundo, pois suas famílias os ensinaram a não criar raízes em lugar nenhum (PEREIRA, 2009, p.48).

Os ciganos se dividem em três grupos principais: os sintis, também conhecidos como Manouch, são predominantes nas terras orientais, na Alemanha e na França; os calons, predominantes na Península Ibérica e os roms, que se subdividem em kalderash, lovára, matchuara, rudari e horahané. (HILKNER, 2008, p.47).

Enquanto entre os Roms a classificação em subgrupos acontece com base em identificação de tipo ergonímico (denominação que traz

origem na profissão tradicionalmente exercida, no Grupo Sinti ou Manouch existe a designação segundo um conceito de natureza toponímica (referindo-se a lugares de assentamento histórico), isto é, a palavra Sinti origina-se de Sind, que é uma das quatro províncias do Paquistão. Os Calóns possuem a origem do nome relacionada à tipologia física, Calón, deriva de Calin, (Kali) que em romani associa-se a pessoas com pele da cor o cobre (HILKNER, 2008, p.48 e 49).

No Brasil, há a predominância dos grupos calons e roms, não havendo muitas informações quanto aos sintis, entretanto, afirma-se que podem haver ciganos que pertençam a este grupo residindo ou passando em território brasileiro, mesmo com números não significativos. Entre os sintis há a predominância do sedentarismo e em sua maioria residem na França, na Alemanha e na Itália (PEREIRA, 2009, p.46). Há pesquisadores que afirmam, porém, que eles podem ter adentrado o país no fim do século XIX, vindos da Turquia, junto com os demais imigrantes (HILKNER, 2008, p.49).

Os calons, por sua vez, foram os primeiros a chegarem ao Brasil, vindos, sobretudo, da Espanha e Portugal, seja por escolha ou compulsoriamente, mandados em degredo pelos reis desde o século XVI, como já fora dito (FAZITO, 2000, p.50 e 51). Entre eles, no Brasil, encontra-se tanto nômades quanto sedentários.

Os roms também se apresentam tanto sedentários quanto nômades. Entre eles há uma complexa divisão em subgrupos, que contem origens históricas e geográficas distintas (FAZITO, 2000, p.52). Como Pereira (2009) aponta, são estes:

Kalderash: Os mais numerosos entre os roms no Brasil, vieram, sobretudo da Itália, Alemanha, Grécia e Rússia. Como o nome denota, tem como principal ofício a manipulação de metais (caldeireiros) e a arte circense, atualmente, entretanto, podem ser encontrados nas mais diversas funções por terem ascendido nos estudos. Entre as mulheres a principal função é o exercício da cartomancia. Se subdividem em rom foresco, os sedentários, e rom dromesco, os nômades, podendo ser também seminômades, onde ora se fixam ora viajam.

Horahané: Vindos da Turquia tiveram como origem o nomadismo, mesmo exercendo o sedentarismo atualmente no Brasil. Tem como função principalmente a

música e o comércio, e assim como os kalderash, as mulheres exercem a cartomancia.

Matchuaia: Vindos, principalmente da Iugoslávia, assim como os horanaré no Brasil, atualmente, são sedentários. Entre os principais ofícios estão o comércio e o trabalho em oficinas mecânicas, e entre as mulheres a cartomancia também.

Lovara: São os que mais se afastaram das tradições, vindos da Itália se apresentam como emigrantes. A princípio trabalhavam cuidando de cavalos e atualmente, no país, trabalham no comércio e são sedentários.

Rudari: Vindos da Romênia são mais raros no Brasil, como muitos dos grupos anteriormente citados eram nômades e hoje se tornaram sedentários.

Estes grupos compõe o que chamamos de povo cigano.

(...) o povo cigano que se afirma como unidade na relação interétnica com os gadjé. Os ciganos, em relação à sociedade majoritária, possuem um forte caráter etnocêntrico. Principalmente por não terem um território delimitado com pátria, é a consciência de comunidade que lhes confere unidade (PEREIRA, 2009, p.46).

Tal etnocentrismo se apresenta em todas as relações entre os ciganos, sendo muito importante para manter sua cultura viva, mesmo perante sua dispersão e absorção de outras culturas e costumes por suas diversas vivências.

Para manter suas tradições, os ciganos se veem levados a desenvolver uma forte disciplina, como se cada qual se sentisse responsável por carregar a pátria dentro de si (PEREIRA, 2009, p.47).

Desta rigidez partem diversos desentendimentos entre os próprios ciganos, onde buscam provar a legitimidade cigana, afinal, para eles a tradição é tudo e sua manutenção garante a sobrevivência étnica deles como povo. Todavia, como grupo complexo que é, os ciganos acabam não conhecendo tudo em sua identidade.

Nenhum cigano conhece todos os detalhes da identidade em que está inserido. Tal como não conhece todo o espaço cultural que o comporta, não sabendo, pois, ler todo o seu “mapa cultural”. Toda

cultura, afinal, oferece uma margem de manobra para os seus membros. Há aspectos da identidade cigana compartilhados por todos os ciganos, outros que são particulares de cada subgrupo e ainda outros selecionados pelo indivíduo num leque de opções. Cada cigano é portador de um conjunto singular de elementos dessa identidade, embora, não haja uma noção de individualidade tal como no mundo ocidental (TEIXEIRA, 2008, p.11).

3.3. Políticas Públicas para os Ciganos no Brasil

Eu sou cigana com muito orgulho, e eu tenho o direito de ser uma cidadã brasileira de etnia romani da porta da minha casa para fora.
Elisa Costa – Associação Internacional Maylê Sara Kali/ Brasília (TV BRASIL, 2014).

Atualmente os ciganos encontram-se espalhados por todo o território brasileiro e trabalhando em diversas funções, mesmo não havendo estatísticas confiáveis quanto ao número de ciganos e regiões em que se encontram, pois o censo não registra identidades étnicas, somente raciais. Mesmo não havendo tais confirmações reconhece-se que eles são “parte integrante da narrativa nacional brasileira” (SOUZA, 2012, p.01).

Mesmo com tais informações não há uma legislação específica para os ciganos, e quando se busca, mediante a lei, respaldos a esta etnia, existem apenas alguns artigos na Constituição Federal de 1988, mas que são direcionados a qualquer cidadão brasileiro (MOONEM, 2011, p.02).

No artigo 3º evidencia-se como um dos objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil a promoção do bem a todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. No artigo 5º está escrito que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e estrangeiros residentes no país, inviolabilidade

de direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. Desta maneira, observa-se na Constituição Brasileira o direito a não-discriminação, o que na maioria das vezes só fica na teoria. Ainda no artigo 5º percebe-se o direito à livre locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens. Esse, provavelmente, é o direito mais importante para a maioria dos ciganos, o direito à livre locomoção (VAZ, 2005, p.03).

Entretanto, infelizmente, observa-se que esta igualdade entre os ciganos e os demais brasileiros contida na Constituição de 1988, na maior parte das vezes acaba ficando apenas na teoria. Tendo constantemente os direitos violados, ainda se mantém os estereótipos negativos que os acompanham durante toda a história (MOONEM, 2011, p.02 e 03).

A falta de informação quanto aos seus direitos acaba mantendo a violência ao modo de vida cigano por onde quer que passem, e ainda são pequenos o número de ciganos bem informados que lutam pela melhoria de vida dos que pertencem a esta etnia. Isso pode ser resultado do baixo índice de escolaridade que boa parte dos ciganos tem.

Entretanto, os esforços têm apresentado alguns andamentos quanto a política nacional pró cigana. A exemplo disso há um Projeto de Lei tramitando no Senado brasileiro para a criação do Estatuto do Cigano, proposto pela Associação Nacional das Etnias Ciganas. Tal projeto busca a igualdade racial para que se assegure definitivamente a igualdade de oportunidade aos ciganos do Brasil, em prol da solução dos problemas vivenciados por eles.

A Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social (SEPPIR), por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (SECOMT), tem intensificado o diálogo com parceiros do Governo Federal para atendimento de políticas públicas específicas que garantam os direitos humanos, sociais e culturais dos povos ciganos. Os principais parceiros dessa ação são: Ministério da Cultura (MinC), Secretaria de Direitos Humanos (SDH), Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM), Ministério da Justiça (MJ) e Ministério do Meio Ambiente (MMA). As principais demandas

apresentadas pelos povos ciganos estão voltadas para as áreas de educação, saúde, registro civil, segurança, direitos humanos, transferência de renda e inclusão produtiva. (SEPPIR, 2013, p.07).

Dentre os Decretos há dois relacionados à promoção dos povos ciganos:

- Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007: institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.
- Decreto de 25 de maio de 2006 , que institui o Dia Nacional do Cigano, a ser comemorado no dia 24 de maio de cada ano. Destaca-se que a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República apoiarão as medidas a serem adotadas para comemoração do Dia Nacional do Cigano.

Estas medidas servem como um vislumbre de melhoria na atual situação vivenciada pelos ciganos.

Capítulo 04: Práticas educativas: A sociabilidade entre os ciganos

Neste capítulo trato de expor a educação cigana em seus costumes, crenças e práticas entendendo a cultura de um modo geral. Parto assim, do princípio que a educação está presente em todos os âmbitos de nossas vidas e não apenas na escola. A socialização é forma integrante da educação não só deste povo, mas de todos os grupos que perduram no tempo e no espaço.

4.1. A família cigana: O clã

Uma coisa importante, que ajuda a manter as nossas tradições, nossos costumes, é a família. Ela é que segura a cultura cigana. Os ciganos mais velhos são muito respeitados por todos, porque são eles que sabem e contam as histórias dos ciganos, e os jovens, com isso, passam a dar valor cada vez mais à nossa origem. O verdadeiro cigano, aquele que segue as tradições do povo, não admite que os pais maltratem filhos. (Augusto Yancovitch). (PEREIRA, 2009. p.59)

O conceito de família para os ciganos é muito mais amplo do que para os gadjé, ou payos (não ciganos), superando, inclusive, os vínculos sanguíneos. Para os ciganos seu clã é sua família. E como os estudiosos deste povo bem o sabem este núcleo familiar é à base da vida cigana, sendo para eles “(...) a unidade fundamental da convivência, (...) o centro de gravidade do ciganismo” (HEREDIA, 1974, p. 54).

Estes laços, sejam do grupo ou de parentesco, são tão fortes para eles que indivíduos da mesma idade costumam denominar-se primos e, quando de idades diferentes, tratam-se por tios e sobrinhos, reforçando assim a unidade étnica (PEREIRA, 2009. p. 64).

As pessoas que constituem uma família cigana podem ultrapassar uma centena ou apenas se restringirem a pessoas consanguíneas, como é o caso citado

no artigo “Veio à ordem de andar” de Moraes (2015), que relata um pouco sobre a vivência de um clã cigano Calon sedentário do município de Carneiros/AL.

Estes clãs se agrupam ao redor de um líder (barô), sempre um rom (homem), que deve ter qualidades próprias ao cargo, tais quais ser um cigano de respeito, que desperte admiração dos demais participantes do clã tanto por suas virtudes humanas, quanto por ser uma pessoa que tenha estima pelas leis, e com sabedoria para orientar e aconselhar os demais pertencentes ao grupo. Deve também prezar, acima de tudo, pelo bem de todo o clã. Nos casos de clãs consanguíneos este cargo costuma pertencer ao patriarca da família.

Outro ponto muito importante nos clãs é a fidelidade à palavra entre os ciganos. A palavra para eles tem o peso de uma assinatura para os gadjé, uma vez dita não pode ser quebrada. Este fato pode se dar devido à tradição oral deste povo, de modo que toda a cultura cigana se mantém oralmente. Pode também resultar do fato de que a maioria dos ciganos são analfabetos por terem o costume de não frequentar as escolas.

Para os ciganos a educação é a preparação para a vida e, como Pereira (2009, p. 60) apresenta, "(...) para eles não há melhor educador que a família. (...) a família é inseparável." Deste modo, torna-se compreensível a desconfiança que a maioria dos ciganos, sobretudo os mais velhos, tem com a escola. A união familiar é sua base, inclusive econômica, pois as crianças mais velhas costumam ajudar com o cuidado dos mais novos para que os pais possam exercer suas funções comerciais e a escola, com seu calendário e horário, acaba se tornando um empecilho para essas funções.

Mesmo nos clãs sedentários, os ciganos mais velhos acreditam que basta-lhes aprender a ler, escrever e contar para que não sejam enganados em suas negociações. E para os mesmos as escolas apresentam temas que de nada interessam a eles, pois nada tem de ligação com suas realidades. Foi a partir destas reclamações que em muitos lugares do mundo se buscou reformar algumas escolas e seus métodos educativos para incluírem o povo cigano.

Ao longo do dia, os ciganos convivem quase que exclusivamente com os vínculos familiares e de afeto (o clã). Sendo assim, são solidários a estes em todos os momentos, sobretudo quando se trata de alguma experiência negativa perante algum gadje, justificam tal dedicação apenas por “ser cigano”. Os ciganos fazem

todo o possível em busca do bem-estar dos seus, cumprindo assim as obrigações de bom pai, marido, filho, barô, etc.

Ao exemplificar sua vivência como parte da família cigana, Heredia (1974) diz:

Demonstramo-lo com a nossa organização familiar de clã ou de tribo¹; com o conceito singular que possuímos da ética e da moralidade com os laços que nos unem aos membros da mesma tribo apesar das calamidades e misérias que temos de enfrentar juntos; com nossas tradições antiquíssimas que consideramos o nosso tesouro mais precioso; com o orgulho de raça que nos caracteriza, quando, em mais de uma ocasião, o ser cigano foi causa de perigo para as nossas vidas (p. 34).

Tal orgulho da raça se faz presente na sabedoria que os ciganos carregam sobre sua árvore genealógica. Conhecendo os antepassados, suas novas gerações, enlaces e localidades em que se encontram atualmente. Mantendo assim, um vínculo forte, mesmo com a distância. O que dá base para a afirmação de Heredia (1974), quando diz que a união familiar é o que mantém viva a cultura cigana nos dias atuais, numa sociedade avessa à cultura nômade.

Porém, os estudiosos que passam algum tempo com clãs ciganos afirmam que o que sustenta o clã/família são as rígidas leis morais presentes entre eles.

Por exemplo: panos finos e coloridos separam as camas dos casais; as saias das mulheres são compridas, não sendo permitida a exposição das pernas; jovens se casam cedo; o adultério e a poligamia existem, mas não são bem-vistos; há rejeição ao homossexualismo (PEREIRA, 2009. p. 64).

Fazendo um adendo sobre o homossexualismo, Pereira (2009) buscou entendê-lo pela perspectiva de que para se manterem fortes e preservarem a cultura cigana viva há a necessidade de haver a perpetuação da raça pela procriação. Deste modo, homem e mulher, com sexos bem definidos seriam imprescindíveis na cultura cigana.

Após as leituras, observa-se que os ciganos apresentam um forte sentido de união, sobretudo perante os não-ciganos, com regras bem delimitadas para que

conseguirem sobreviver em uma sociedade majoritariamente oposta e hostil ao seu modo de vida.

4.2. A mulher cigana e o casamento

A alegria é a alma pura e desconhecida da água dos poços. Dela nasce, como um manancial, todo o mistério da mulher cigana (GALLARDO, 1957).

Na sociedade cigana o papel da mulher é, sobretudo, o de mãe de família. As funções dentro do clã são muito bem delimitadas entre homens e mulheres, e em decorrência da família ser muito valorizada, à mulher cabe a responsabilidade de cuidar do lar (seja uma casa ou uma carroça/barraca) e dos filhos e noras.

Segundo Heredia (1974), o que os gadjé não compreendem é que as ciganas possuem um “espírito de obediência e submissão à vontade do homem. Obediência que não quer dizer escravidão e submissão que não significa anulação absoluta da personalidade”. Na verdade, o valor da mulher é reconhecido e insubstituível no lar cigano.

A romi, mulher cigana, é vista socialmente como dependente do marido, mas, no ambiente doméstico, a mãe cigana é o fundamento da etnia. Por meio de sua sabedoria e astúcia são resolvidas as muitas questões complexas que podem surgir no grupo familiar. Além disso, cuida da comida, roupa, saúde e higiene, enfim, da ordem doméstica. É ainda responsável por parte do sustento econômico da família, por meio dos ofícios de cartomante e quiromante (PEREIRA, 2009, p.62 e 63).

As ciganas são conscientes da importância de seu papel no clã, para com o marido e os filhos, tendo uma concepção de vida bem diferente da mulher gadjé. Afinal, desde pequenas são criadas para esta finalidade, sendo o destino traçado desde o nascimento.

Cada clã possui uma liderança feminina, sendo esta uma figura amada e respeitada entre eles, a mãe do clã. Ela é sempre consultada antes de qualquer atitude importante a ser tomada pelo grupo, orientando também nos assuntos práticos e ministrando vários rituais (PEREIRA, 2009. p. 63).

Desde muito novas a família já ensina os deveres e objetivos que as ciganas devem ter, como manter sua virgindade até o casamento, casar e ter filhos, e isso fica tão subjetivado que se torna o desejo de vida delas.

Logo cedo as ciganas se veem na obrigação de cuidar de seus irmãos enquanto a mãe não está ou enquanto ela se ocupa com as tarefas do lar. A mãe costuma fazer sozinha todas as tarefas de casa poupando na maioria das vezes os filhos (as), afinal, terão de fazê-las quando casadas. Entretanto, isso acaba por não preparar as futuras esposas para as tarefas que terão de realizar.

A cigana entra na adolescência muito cedo pelo conhecimento que acaba tendo sobre relações sexuais, sobretudo por estarem sempre muito próximos em espaços muito pequenos. Porém, mesmo com essa situação, a moral é de grande valor nos grupos ciganos, prezando sempre pela fidelidade (um de seus mandamentos) e pela manutenção da virgindade.

Por toda esta criação, a maior preocupação das jovens ciganas é com a conservação de sua virgindade para o dia do matrimônio. Deste modo, se afastam de tudo o que representa um perigo a isto. Quase nunca saem para longe de casa, sobretudo sozinhas, e nunca são vistas conversando sozinhas com um homem. Até porque, após se tornarem mulheres são sempre observadas por sua família e pela família dos possíveis noivos nos mínimos atos.

Este controle também se dá por parte do jovem cigano, que sempre respeita e se mantém afastado das jovens, pois sabem que se ficarem próximos com maior frequência, aos olhos da sociedade cigana, nasceu um compromisso entre eles. A amizade sem maiores compromissos só pode se dar quando o contato entre eles acontece na presença e participação da família da jovem.

Por esta razão, o casamento entre os jovens acontece muito cedo, enquanto ainda são muito novos, antes que a jovem entre na idade de buscar uma liberdade fora do lar. Como Heredia (1974) apresenta "(...) esta liberdade é campo vedado para a mulher cigana", pois é muito mais difícil manter a pureza dos valores morais ciganos neste ambiente liberal.

Quanto à cerimônia de casamento, há uma infinidade de costumes que variam segundo cada clã. Afinal, os ciganos se encontram espalhados por todo o mundo, e como já dito, acabam absorvendo um pouco da cultura dos locais que passam ou que vivem. Porém, em sua maioria as festas costumam durar três dias sendo consumado o casamento somente após o fim do terceiro dia (PEREIRA, 2009. p. 69).

Atualmente, o casamento cigano é um ato livre e pessoal, de comum acordo entre os cônjuges. Mas como dito acima, ainda há clãs que mantêm antigos costumes e ainda são as famílias que escolhem os noivos. Entretanto, mesmo nos clãs que já houve uma transformação nos costumes os pais, de ambos os lados, ainda tem que estar de acordo com o matrimônio.

Com esta variação podemos encontrar casamentos entre ciganos e gadjes. Mas ainda são poucos, pois a questão do casamento entre a própria raça ainda é muito forte por questão de sobrevivência deste povo que vê sua cultura ameaçada há tanto tempo. E mesmo nos casos em que o (a) gadje se insere plenamente e abraça essa cultura depois de casado, esta inserção só se dá de forma plena após o nascimento do primeiro filho do casal.

Após os noivos combinarem o matrimônio com o apoio de suas famílias o noivado cigano costuma ser de curta duração, pois mesmo depois de assumido o compromisso os noivos não podem se ver sozinhos, somente acompanhados de algum parente da noiva. Por esta vigilância constante e por não terem a ambição de montar uma casa, como os gadjes, costumam realizar o casamento após poucos meses de noivado, não durando mais que quatro meses (PEREIRA, 2009. p. 72).

A cerimônia que dá início ao casamento é de tremendo orgulho para a cigana e sua família. Consiste em comprovar sua virgindade perante as mulheres convidadas ao casamento. Nesta cerimônia a jovem prova ter sido fiel a um de seus mandamentos e ter honrado sua família. Após a comprovação de sua virgindade a cigana passa a usar um lenço cobrindo-lhe a cabeça, pois isso representa a mulher casada, equivalendo a uma aliança (PEREIRA, 2009. p. 74).

Após o casamento, a mulher alcança sua plenitude quando engravida e dá a luz ao seu primogênito, alcançando então a estima, admiração e igualdade de direitos das outras mulheres ciganas. Afinal, esta é a maior benção que um cigano

pode ter, os filhos. E o maior título concedido à mulher cigana é o de mãe de família, por isso, esta função tem toda sua dedicação e orgulho. A exemplo o ato de amamentar a criança, que não o esconde de ninguém, pois para eles é um ato natural e vital para o bebê, não vendo os seios como algo sexualizado, mas sim sagrado.

Desde a cerimônia de casamento se iniciam uma alimentação adequada para a futura mãe e criança, enriquecendo-a de alimentos derivados de animais e reduzindo doces e cereais. No período da gestação costuma-se engordar por volta de dezoito quilos (MACÊDO, 1992, p. 46).

Após o casamento, outro mandamento a que ela deve estar sempre atenta, e não apenas a cigana, mas também o seu marido, é o de fidelidade entre o casal. Estarem sempre ao lado um do outro apoiando em momentos bons e ruins. Caso haja algum problema entre eles a mulher não deve procurar sua família de solteira e sim a do marido. Dela terá todo o apoio necessário, pois costumam apoiar a nora em casos de desavenças matrimoniais.

4.3. O nascimento e as relações entre pais e filhos

Para os ciganos os filhos são a maior benção ofertada a eles. A vida é vista como um presente, uma dádiva. Desta forma as famílias costumam ser numerosas e não há limitação para o número de filhos que cada casal deve ter.

O homem cigano, chegado à idade madura e sobretudo à sua velhice, só se vê realizado plenamente se consegue reunir à sua volta uma grande quantidade de filhos, netos e bisnetos (HEREDIA, 1974, p.93).

Além deste, há outro motivo para o desejo de um clã numeroso. Historicamente os ciganos nômades tinham de passar por muitos territórios hostis, seja em relação à terra, à população local, ou inimizades com outros clãs e, deste modo, um clã numeroso seria sinônimo de um clã mais seguro caso houvesse tentativas de ataques.

Por esta razão, a valorização tão grande da maternidade. Como já dito anteriormente, somente após o primeiro filho as ciganas se igualam em estima às

outras ciganas do clã. E a esterilidade é vista negativamente por todo o clã, sendo a pessoa estéril considerada, anteriormente, "aquela que copulou com beng" (sinônimo de diabo). E mesmo hoje, com uma maior aceitação às explicações científicas, ainda é motivo de desagrado e farão todo o possível para reverter à esterilidade (PEREIRA, 2009, p. 65).

Deste modo, a gravidez é tão celebrada pelos ciganos e a mulher grávida tem todo um tratamento carinhoso dedicado a ela. Não é bom que ouça conversas ruins, ou que a deixem assustada. Ela deve estar sempre alegre e saudável, pois, para eles, não compartilha somente o corpo com a criança, mas também sua alma. O enxoval só deve ser planejado após o sexto mês de gestação para que não dê azar. E no caso de ciganos nômades, o bebê não deve nascer dentro da tenda (PEREIRA, 2009, p. 66).

Após o nascimento, o primeiro banho deve ser dado com água, ouro e joias, em um recipiente de cobre ou prata simbolizando a prosperidade e sorte. Porém, a impureza de mãe e filho só findará quando a criança for batizada (PEREIRA, 2009, p. 66).

O batismo cigano, para eles, é mais importante que o batismo religioso, pois é este que torna o pequeno um cidadão pertencente aquele clã.

A criança cigana costuma receber três nomes: o secreto, o de batismo cigano e o de batismo católico, ou o nome usado fora do clã.

O primeiro nome é dado pela mãe e somente ela o sabe. Ela sopra-o em seu ouvido e dá a primeira mamada para defender o bebê de males físicos e de maus espíritos (de beng). Segundo suas crenças, os maus espíritos para atraírem as pessoas para armadilhas e as enganarem chamam-lhes pelo primeiro nome e, ao seguirem, elas acabam caindo em perigos e armadilhas. Como os ciganos não conhecem seu primeiro nome, não atendem a este chamado e são protegidos.

O segundo nome é usado somente entre os ciganos do clã. E o terceiro é usado quando eles se relacionam com não-ciganos.

A cigana, tanto antes, quanto depois do nascimento de seu filho, está sempre aos cuidados da mãe do clã.

A educação dos filhos se dá segundo as tradições herdadas dos mais velhos. Tendo os filhos um grande sentimento de respeito para com os pais, pela benção que lhe deram: a vida.

O respeito aos mais velhos, sejam pais, avós ou outros do clã, é um de seus mandamentos, devendo ser respeitado sempre. Porém, este respeito vem acompanhado de admiração e orgulho por tudo o que já passaram os mais velhos.

Nas famílias o pai exerce autoridade indiscutível. E mesmo que a influência da mãe nas decisões seja fundamental, a última palavra é sempre do pai, e suas decisões são inquestionáveis, mesmo quando não se concorda com elas. A família cigana é eminentemente patriarcal.

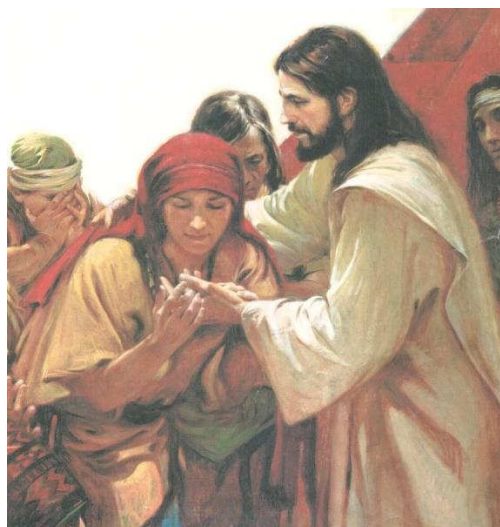
Esta união familiar se mostra na educação dos pequenos de maneira prática, quando veem os pais se desdobrando para cuidarem de seus filhos em lugares que na maioria das vezes não querem ciganos por perto. Este fato obriga a união do clã, pois é o único lugar em que os ciganos se sentem seguros e protegidos, livres para serem eles mesmos sem julgamentos. Deste fato parte o princípio de que pais e filhos não se separam em distância. As mães ciganas não abrem mão de estarem com os filhos por nada, mesmo que isso signifique dar a eles, pela falta de escolarização, um futuro incerto.

4.4. O cigano, a religiosidade e o misticismo

Deus não tem nenhuma religião.

(Mahatma Gandhi)

Figura 3: Pintura de uma cigana lendo a mão do Cristo



Fonte: Site Diocese de Bragança

Os ciganos têm uma ligação muito íntima com a religião, porém, cabe antes de falarmos desse assunto, explicitar o conceito de religião que utilizaremos aqui. Segundo Ferm (1963), a religião é “uma reação vital do homem frente a tudo aquilo que considera de grave e de ulterior transcendência. Nesta definição está implicada a totalidade da pessoa: pensamento, sentimento e atividade.” Com esta definição assumimos que não só na crença se limita o sentimento religioso. E mesmo que as pessoas, muitas vezes, não compreendam seu conceito, a religiosidade está presente na vida da maior parte dos ciganos.

Como relata Pereira (2009); "A crença ilimitada numa força superior ao homem é inerente ao povo cigano".

O respeito religioso é um valor de grande orgulho aos ciganos, sendo levado na essência deste povo. Acredito ser consequência de que os ciganos não têm uma religião própria, geralmente acabam adotando a religião da região ou país em que vivem.

Não têm, os ciganos, uma religião própria, nem possuem dogmas universalmente aceitos por todos. São possuidores de um código moral muito severo que pretende conservar a pureza dos seus costumes e tradições e que castiga severamente as infrações cometidas contra ele, mas carecem de um credo universalmente aceito por todos, como outros povos de idêntica ascendência e tradição possuem, apesar de dispersos por todo o mundo ou a viver em grupos cujas estruturas políticas sejam antagônicas. (HEREDIA, 1974, p.128).

Deste modo, na maior parte da Europa, a maioria dos ciganos diz-se católica.

Figura 4: Imagem do encontro entre o Papa Francisco e a cantora cigana Maria Jose Santiago, após apresentação na audiência com a comunidade cigana de Roma.



Fonte: Site UOL (2015)

No Brasil, por outro lado, encontramos diversos relatos de ciganos evangélicos e, mesmo seguindo os ritos da religião adotada, mantêm alguns de seus credos ancestrais, como a buena dicha (leitura de mãos, carta, leitura do destino por meio da borra de chá e café, leitura dos olhos, jogos de moedas, e observação dos sinais que a natureza os dá). Isso mostra o valor que dão ao destino como determinante em suas vidas. "Para os ciganos, em tudo pode-se ver um reflexo da vontade de Deus que, para eles, está acima de tudo" (PEREIRA, 2009. p. 84).

Mesmo não tendo uma religião própria deste povo, há uma religiosidade inerente aos ciganos. Deste modo, é muito comum o culto a santos, a profunda devoção a Devel (Deus) e o uso de inúmeras simpatias, rituais, rezas e promessas para afastar beng (diabo) (PEREIRA, 2009. p. 84).

Dentre os santos que os ciganos são devotos, a que mais se destaca é Santa Sara Kali, padroeira deste povo. Segundo a narrativa dos ciganos europeus, Sara Kali foi egípcia e estava com as três Marias (Madalena, Jacobé e Salomé) quando foram jogadas no mar num barco sem providências. Sara, que tinha grande fé, fez uma promessa de que se chegassem em segurança a terra firme usaria daquele dia em diante um xale cobrindo-lhe a cabeça. Por um milagre chegaram salvas a uma praia no Sul da França, em Camargue, hoje conhecida como Saintes-

Maries de la Mer. E o simbolismo do xale cobrindo o cabelo de mulheres casadas veio deste ato de fé da padroeira dos ciganos, que o fez até o fim da vida.

Atualmente há uma imagem de Sara Kali na cripta da igreja de São Miguel, em Saintes-Maries de la Mer e por isso, nos dias 24 e 25 de maio, que se comemoram o dia internacional dos ciganos e também o dia de Santa Sara Kali, ciganos do mundo todo fazem uma peregrinação até a praia para visitar a imagem da santa. Nestes dias, os ciganos, a cavalos, carregam a imagem da Santa até o mar em um enorme cortejo.

Figura 5: Imagem de Santa Sara Kali na cripta da igreja de São Miguel em Saintes-Maries de la Mer.



Fonte: Gipsy Âmeli

Além dos santos, alguns objetos também são considerados sagrados pelos ciganos. A exemplo disso, temos algumas joias, que não são vistas somente como adereços, mas também como amuletos para chamar a sorte e afastar os males.

Figura 6: Cena da novela Velho Chico, da Rede Globo, onde a cigana Iolanda reverencia Santa Sara Kali em seu altar em oração.



Fonte: Novela Velho Chico.

Outro objeto sagrado é o punhal. Eles o recebem numa cerimônia especial (um tipo de iniciação), sendo fabricado segundo os costumes ciganos. Quando o recebem têm o dever de fazer bom uso ou sofrem severas punições, pois o mau uso pode colocar o bem-estar de todos em risco.

4.5: Os ciganos e a morte

A morte vem de longe
 Do fundo dos céus
 Vem para os meus olhos
 Virá para os teus
 Desce das estrelas
 Das brancas estrelas
 As loucas estrelas
 Trânsfugas de Deus
 Chega impressentida
 Nunca inesperada
 Ela que é na vida
 A grande esperada!
 A desesperada
 Do amor fraticida
 Dos homens, ai! dos homens
 Que matam a morte
 Por medo da vida.
 (Vinicius de Moraes, 1946).

O conceito de vida que os ciganos têm excluí, à princípio, o conceito de morte, pois definem-se como pessoas que estão permanentemente no mundo. Deste modo, o jeito que veem a morte se distingue da visão dos gadjes. Isso não significa que eles não aceitam o fato de que todos que aqui estão um dia morrerão, mas eles acreditam num retornar permanentemente a vida (HEREDIA, 1974, p.138).

Assim, o não cigano, em geral, é um vivo condenado a morrer; o cigano, em particular, é um condenado à morte chamado a viver (DOLLÉ, 1970).

Quando alguém morre em um clã cigano, toda a comunidade realmente o sente, unindo-se a dor dos familiares. Este é um momento onde fica muito clara a noção de clã como família, pois é onde o cigano vê-se realmente acolhido por todos que sofrem com ele sua perda. "Sem dúvida, as alegrias compartilhadas tornam-se maiores e as penas mais pequenas, quando outros participam delas" (HEREDIA, 1974, p.140).

O respeito ao luto dos que perderam um ente querido é tamanho que por um tempo evitam festas, adiando-as, músicas e cantigas em locais próximos a família enlutada.

No velório, costuma-se recordar os momentos vividos pelo que morreu, muitas vezes exagerando as virtudes, e os momentos importantes que viveu. Neste momento só se lembram das coisas boas do finado. Os momentos ruins são deixados para trás a partir daquele instante e as recordações desagradáveis são como que apagadas da lembrança dos que aqui ficam.

O luto é muito presente na família cigana. Em casos de perda dos pais as ciganas vestem-se completamente de preto e assim se mantêm por um espaço de tempo que varia de três à cinco anos. Já os homens, na maior parte das vezes vestem apenas a camisa negra e a usam por tempo igual ou maior ao das mulheres e alguns também ficam um de um mês a quarenta dias sem fazer a barba. Outro costume ao luto cigano é deixar de beber bebida alcoólica por um ano ou mais.

Estes costumes, porém, são um lamento pela relação que agora se fará com a pessoa que morreu e uma demonstração do carinho dedicado ao falecido. Agora são outros laços que os unem. Para eles a pessoa segue viva, mesmo que não visível aos olhos. E sempre que precisam pedem ajuda aos que se foram, acreditando que estes os protegem e zelam por eles e suas tradições (PEREIRA, 2009, p. 78).

Outra manifestação em relação ao falecido diz respeito ao enterro, de modo que mesmo que a família não tenha condições financeiras significativas para realizá-lo, há um grande esforço para que seja feito de forma impecável. Não se aceita um enterro de caridade ou gratuito, pois para os ciganos, este não tem valor. Dessa forma, eles mesmos, ou algum amigo muito próximo à família, se responsabiliza por pagar pelo melhor enterro possível.

Precede o enterro um grupo de músicos que tocam as músicas preferidas do finado, sobretudo se ele tinha importância no clã.

Após três dias da morte realiza-se a pomana, se repetindo também quarenta e um dias, seis meses e um ano depois. Este ritual consiste em um banquete onde parentes e amigos do finado se reúnem, praticando os costumes daquele que se foi. Desde comidas a bebidas, só fazem o que o falecido fazia. É feita uma mesa em homenagem ao finado, onde colocam fotos, pertences, flores e um prato com diversas comidas que deve estar sempre cheio. No centro desta mesa fica a pogatsha (pão cigano) com uma vela acesa em memória do antepassado e uma garrafa de vinho fechada. Após o fim da pomana, o que foi ali oferecido ao finado é jogado em um local com água corrente (rio, cachoeira ou mar) (PEREIRA, 2009, p. 76 e 77).

Entre os ciganos prevalece a crença de que seus antepassados sempre os protegem, onde quer que estiverem, cuidando sempre do clã e de seus costumes. Ir contra as vontades dos antepassados significa cair em desgraça perante seus espíritos.

Na hora da morte, o finado não deve estar dentro da barraca ou veículo e, caso isso aconteça, deve-se queimar tudo, menos o dinheiro e as fotografias. Nos casos de ciganos sedentários se isso acontece dentro da casa queima-se os móveis e pinta-se as paredes novamente e em alguns casos a casa fica vazia por um tempo.

Após a morte de um cigano seu nome não é mais pronunciado, a não ser em casos de extrema necessidade.

Para os ciganos nômades ou seminômades os locais onde seus antepassados foram enterrados passam a ser locais sagrados onde de tempos e tempos retornam.

Mantém também uma lamparina acesa no mês de novembro dedicada aos antepassados (acredito que os ciganos evangélicos não o fazem).

4.6: A justiça cigana

A justiça, como lei, é muito presente nos clãs ciganos, sendo usada como preservação de seus costumes e tradições, mantendo a ordem moral e social.

Há um princípio forte entre os ciganos que designa como impuro todo aquele que não cumpre as regras determinadas pelo grupo. Estes acabam se tornando marimês (impuros) aos olhos dos demais e por um tempo devem ser afastados do grupo. O tempo varia segundo a falta cometida.

Para fazer cumprir estas normas há duas instituições a serem consideradas, como um conselho de justiça cigano, o Krisromai e o Krisnitori. O Krisromai é uma assembleia, como um órgão judicial cigano. Dela fazem parte os conhecedores das normas e tradições ciganas (romanipen), normalmente os mais velhos. O Krisnitori, por sua vez, é um conselho dos idosos, independente de sexo, onde estes escolhem quem pertencerá a essas instituições. Todavia, estes não participam do Krisromai (PEREIRA, 2009, p. 81).

A resolução dos problemas é designada pelo grupo sob consenso, tendo por base os valores morais e de respeito à honra e a pureza. A comunidade que faz cumprir o castigo aos infratores, sendo a decisão do conselho irrecorrível (HILKNER, 2008, p. 62).

Dentre os castigos empregados pelo Tribunal Cigano, o pior é a expulsão de um membro do clã. E as decisões por eles tomadas "não são passíveis de apelo" (PEREIRA, 2009, p. 81).

Há outros valores partilhados pelos ciganos, como o respeito a Deus, aos antepassados, aos mais velhos, aos pais, à palavra dada, a virgindade antes do casamento e ao valor da tradição oral (PEREIRA, 2009, p. 81 e 82).

4.7: Os ofícios ciganos

Atualmente encontramos ciganos nas mais diversas profissões, muitos formados em universidade. Este fato se dá, sobretudo, porque boa parte dos ciganos se sedentarizou e deste modo, pode investir na educação escolar. Porém, há ofícios característicos deles, e a estes destino este subcapítulo.

Quiromancia

Talvez esteja aqui um dos mais conhecidos ofícios ciganos. Quantas vezes não cruzamos com ciganas nas ruas das cidades se oferecendo para lerem nossos destinos nas linhas de nossas mãos?

Segundo a quiromancia nossas mãos trazem escritas nosso presente, passado e futuro, pois os traçados das linhas mudam segundo nossas atitudes e decisões presentes. Esta é uma das artes místicas do povo cigano, e uma das tarefas que mais ajuda financeiramente os clãs, fazendo parte da economia grupal.

Para os ciganos a leitura das mãos só deve ser feita após a primeira menstruação, deste modo, torna-se vergonhosa esta função para os homens, sendo difícil encontrar algum cigano que a faça.

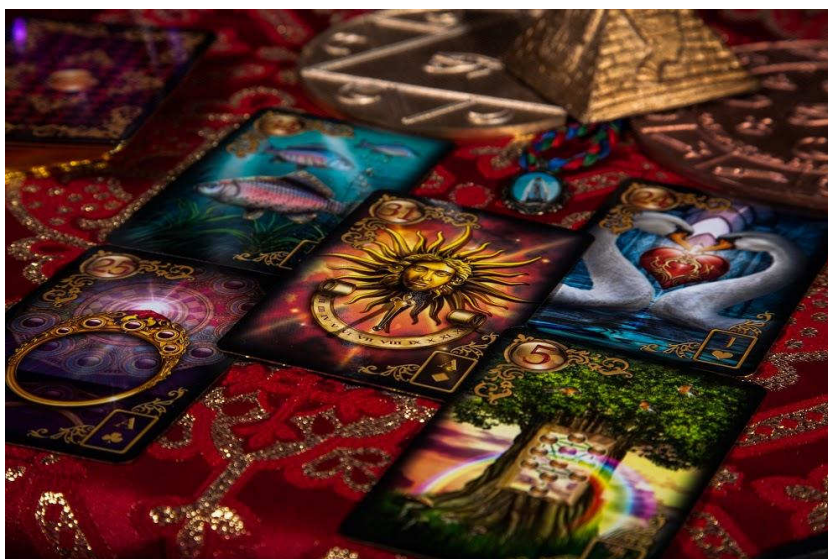
Nesta arte, a mão direita informa-lhes sobre o presente e futuro e a esquerda sobre o passado, somente variando se a pessoa em questão for canhota, predominando assim a mão que trabalha. Por esta razão, usualmente vemos ciganas lendo somente a mão direita.

Outra atividade intimamente ligada à quiromancia é a oculomancia, leitura dos olhos. Muitos dizem que na verdade as ciganas leem os olhos das pessoas e não as mãos, ou que juntos, olhos e mãos, revelam características e acontecimentos relacionados à vida das pessoas. Deste modo vê-se que, para os ciganos, ambas as práticas se interligam.

Figura 7: Imagem das linhas da mão e suas explicações.

A cartomancia não é uma atividade somente cigana, porém, entre elas esta é uma tradição que não pode ser ensinada a não ciganos, pois há um grande respeito às tradições.

Figura 8: Imagem do Baralho Cigano.



Fonte: HIGA, 2017.

Além de meio de sobrevivência a leitura do futuro pelas cartas também carrega um sério compromisso as ciganas, pois por meio dela ajudam pessoas, buscando evitar os malefícios previstos. Por isso este trabalho é visto também como caridade espiritual (PEREIRA. 1991. p. 119).

Arte circense

O circo é a barraca, a casa, o abrigo, a liberdade. A tchera, como dizem os ciganos. O lar. O circo é circo-lar, é a casa da criatura humana de todas as idades, de todas as geografias (MACÊDO, 1992, p. 90).

Muitos circos e parques de diversões do Brasil pertencem a ciganos.

Segundo o circense e cigano Armando Pepino, o circo se introduziu no Brasil em meados de 1890, no Rio de Janeiro, quando chegaram ao país uma família Húngara de ciganos nômades, os Stevanovitch, trazendo com eles diversos animais amestrados. Sobreviviam de apresentações com ursos, danças e com a leitura da

sorte. Aos poucos a família foi se dividindo e se espalhando pelo país. Com estes números de amestradores de animais e danças diversificaram a estrutura circense, sendo os pioneiros do que conhecemos como circo, com sua estrutura de lona e assentos (PEREIRA, 2009, p. 102).

Entretanto, o histórico cigano no circo antecede a vinda destes ao Brasil. Segundo Macêdo (1992), desde Roma esta já era uma função designada aos ciganos, assim como a convivência pacífica com os animais.

Sendo assim, um dos ofícios característicos dos ciganos.

As crianças vão ao circo para encontrar e aplaudir o seu mundo imaginário, o seu maípe. Os adultos para pensar e os velhos para chorar. Todos vão por vocação. Só os ciganos estão lá por destino. Depois, o circo continua o seu nomadismo, deixando na terra revolvida as marcas de sua presença; nos espaços, soma ecos melódiosos, chiados de rodas, de madeiramento amarrado e no ar, um cheiro untuoso de terra molhada, de pipocas, de serragens e de infância (MACÊDO, 1992, p.92).

Figura 9: Imagem do circo da família Stevanovitch.



Fonte: Site Imgur.

Artesanato e comércio de cavalos

Os ciganos são muito conhecidos pela destreza na manipulação de metais. Considerados inigualáveis no trabalho com o cobre, fazem tachos e utensílios domésticos e consertam diversos objetos de metal.

Em suas crenças está a má sorte de trabalhar com o cobre no período noturno, deste modo, só o praticam na parte da manhã (PEREIRA, 2009, p. 105).

Assim como as ciganas não ensinam a arte da adivinhação os ciganos não passam seus conhecimentos neste trabalho, somente herdando-os seus descendentes, mantendo a fama da perfeição de seus trabalhos entre eles.

Figura 10: Imagem dos trabalhos artesanais ciganos em metais.



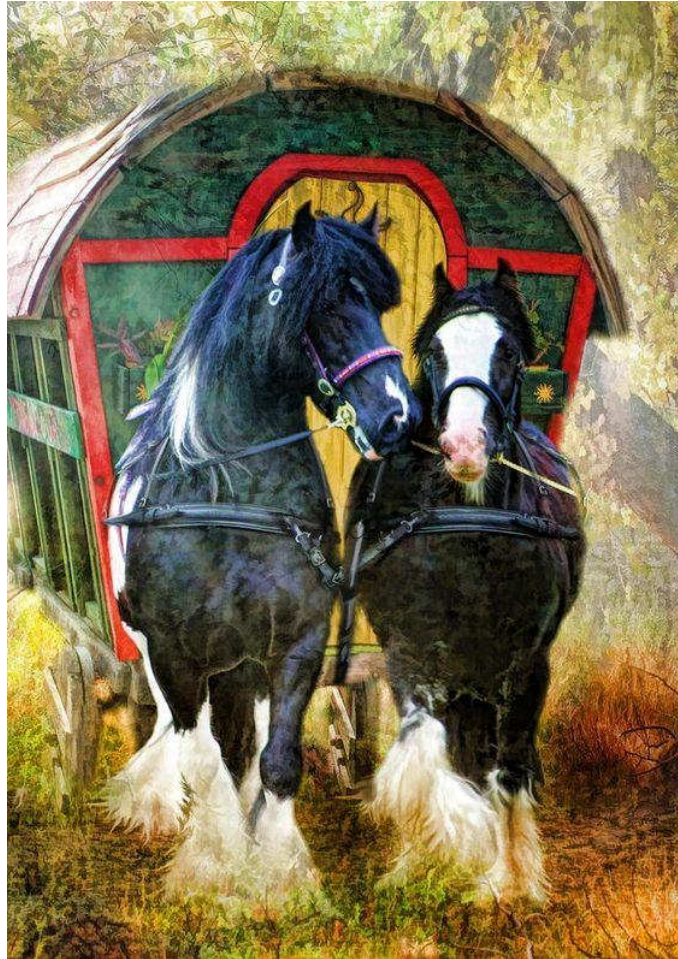
Fonte: Blogue da Associação Cultural ANANKE.

Porém, com a Revolução Industrial, este ofício ficou comprometido, forçando-os a buscarem outras formas de sobrevivência. Assim como os ciganos que sobreviviam do comércio de cavalos que, após a década de 1940, com as máquinas agrícolas e veículos motorizados, acabaram sendo desvalorizados (PEREIRA, 2009, p. 105).

Para os ciganos o cavalo ia além de um meio de transporte, era também um meio de sobrevivência, pois comercializavam-no. Quanto a este trabalho, os ciganos se mostravam sagazes, exímios comerciantes, sabendo esconder cada defeito do animal a ser vendido para obtenção de um maior valor. Com sua linguagem, não só

oral, mas também gestual, conseguiam comunicar-se entre si por meio de códigos, deste modo, era difícil não se darem bem em suas negociações.

Figura 11: Desenho de cavalos puxando uma carroça cigana.



Fonte: Site Pinterest.

Música e Poesia

Seus cabelos,
Balançavam com o vento.
Ela dançava,
Dançava de dia,
Dançava de tarde,
Dançava à noite.

À noite,
Enquanto os archotes brilhavam,

E punham nela muitos fulgores,
Ela sorria e sorria...

Para quem sorria?
Para ninguém.
Bastava, para ela,
Sorrir para si mesma.
(Cecília Meireles)

Tanto nas casas de ciganos sedentários quanto nas barracas dos ciganos nômades observa-se a alegria e festividade sempre presente. Em sua maioria sabem cantar, dançar e tocar instrumentos. A música lhes é passada de geração a geração, sempre improvisada, sentindo cada nota tocada. Pode-se dizer que a música já está presente no sangue deste povo.

Figura 12: Imagem da dança cigana



Fonte: GIRODO, 2014.

Entre os instrumentos tocados, os que mais gostam são o violino, o violão, o acordeão, a pandeireta e o címbalo (PEREIRA, 2009, p. 108).

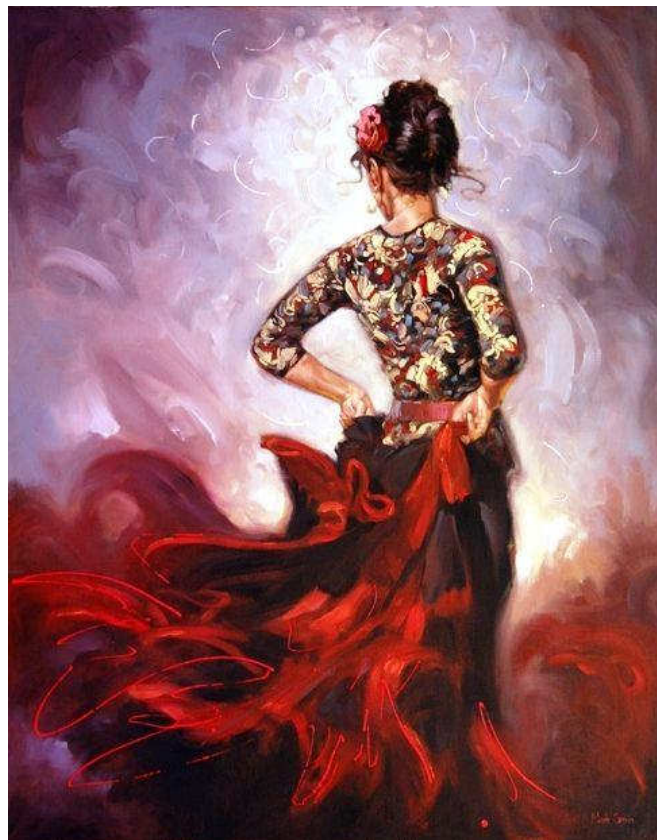
Com o nomadismo, não se pode afirmar haver uma música originalmente cigana, pois houve influência de diversos países, assim como estes também os influenciaram. Porém, na Espanha, a música cigana se difundiu amplamente, incorporando-se à arte local e sendo valorizada pelos espanhóis.

Do encontro entre os ciganos e os pobres espanhóis de Andaluzia surgiu o Flamenco. Um estilo que designa o canto, a dança, as roupas, comportamentos e o toque da guitarra (PEREIRA, 2009, p. 109).

A princípio, o flamenco foi proibido na Espanha, sendo tocado secretamente, apenas em locais ocultos. Um canto de resistência e culto a memória, outro exemplo da perseguição sofrida pelos ciganos.

As letras da música flamenca tratam, geralmente, de temas amorosos, lamentos, fatos humorísticos ou crítica social. (...) A música flamenca é acompanhada por palmas, violões, viola e instrumentos de percussão (PEREIRA, 2009, p. 111).

Figura 13: Desenho de uma mulher dançando flamenco.



Fonte: Site Pinterest.

Por essa relação com a música e a cultura oral, a poesia está intimamente ligada a este povo, sendo muito conhecida em seus cancioneros.

Capítulo 5- Considerações Finais:

O trabalho apresenta a importância de se romper com a escassez de pesquisas nesta área, onde a falta de conhecimento sobre este povo acaba aumentando a discriminação, a violência e o preconceito que recai sobre os ciganos onde quer que passem ou se fixem.

O estudo da história dos ciganos é também um estudo da história da humanidade. Mostra como lidamos com o que nos é diferente há tantos séculos, e como eles tem construído uma história de resistência, em meio a tanta hostilidade, preconceitos, perseguições, enfim, vivendo sempre a margem da sociedade predominante.

Como belamente apresentou Hilkner (2008): “A sobrevivência foi a grande e mais duradoura realização cigana, o grande evento de sua história”.

Ao longo da história, os ciganos foram os que mais tiveram distorcidas suas imagens, sempre repletas de estereótipos pesando sobre eles por onde andassem. Sob contínua pressão social e cultural vivem perante ameaças as suas tradições.

Assim, objetiva-se apresentar os ciganos como importantes agentes sociais.

Deste modo, o presente trabalho busca mostrar a importância de se reconhecer a cultura deste grupo, seu valor, mostrando que, como nós eles só lutam para sobreviver como etnia.

A divulgação de pesquisas como essa ajuda a amplificar a consciência sobre formas de coexistência que não se integraram pacificamente ao projeto urbano industrial da modernidade capitalista e a promover a quebra dos estereótipos que acompanham, os ciganos há tanto tempo, encarando-os como pessoas, seres humanos, cidadãos com cultura, e que foram muitas vezes desprovidos de oportunidades, mas nunca de conhecimento e educação.

Hoje, ainda faz-se necessário um maior conhecimento da identidade do povo cigano, sua história e presente (MACÊDO, 1992, p.31), na busca de um futuro melhor para estes que, só pelo fato de seguirem com seus costumes e tradições já sofreram, e ainda sofrem, diversas formas de crueldade.

Não é pelo fato de terem uma cultura ágrafa que não há uma educação e cultura presente, uma transmissão de conhecimento, muito pelo contrário e a manutenção deles como etnia prova isso.

Que a educação possa ser vista para além dos muros da escola, que possa também ser reconhecida em outros ambientes, para que assim, povos como os ciganos possam ter suas práticas educativas e sociais não somente reconhecidas, mas valorizadas, e com isso possamos romper com os preconceitos a eles dirigidos. E que temáticas como esta possam adentrar os cursos de formação de educadores, para que estes se abram mais à diversidade e humanidade contidas em tantas raças e culturas.

Agora que me conheces não precisa mais ter medo de mim.
(TV BRASIL, 2014)

Referências:

Bibliográficas:

BORGES. I.C.M.M. **CIDADES DE PORTAS FECHADAS: A Intolerância Contra os Ciganos na Organização Urbana na Primeira República**. Juiz de Fora. 2007.

EUROPEAN ROMA RIGHTS CENTER. **Campland. Racial Segregation of Roma in Italy**. Country Report Series, no. 9, October, 2000

CHINA. J.B.O. **Os ciganos do Brasil**. São Paulo. 1936.

COELHO. F.A. **Os ciganos de Portugal**. Imprensa nacional de Lisboa. Portugal. 1892.

CONSEJO ESTATAL DEL PUEBLO GITANO. **Campanha "Yo no soy trapacero"**. Espanha. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DqBvpWbmdkQ>>. Acessado em: Setembro de 2015.

_____. **Decreto de 25 de maio de 2006**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/dnn/dnn10841.htm> Acesso em: Maio de 2017.

_____. **Decreto de 07 de fevereiro de 2007**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> Acesso em: Maio de 2017.

DOLLÉ. M.P. **Etudes Tsiganes: Symbolisme de la mort em milieu tsigane**. Buletín de l'association des Etudes Tsiganes. Paris. 1970.

FAZITO. D. **Transnacionalismo e Etnicidade: A Construção Simbólica do Romanesthàn (Nação Cigana)**. Belo Horizonte. 2000.

FAZITO. D. **A identidade cigana e o efeito de "nomeação": deslocamento das representações numa teia de discursos mitológico-científicos e práticas sociais**. Rev. Antropol. 2006.

FERM. V. **Gran Enciclopedia Del Mundo**. Tomo 16, pág. 373. 1963.

GALLARDO. J.C. Amalio Garcia Del Moral. **Gitanos**. Editorial Prieto. 1957.

GUIMARAIS. M.T.S. **O Associativismo transnacional cigano: identidades, diásporas e territórios**. São Paulo. 2012.

GOHN. M.G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: aval. pol. públ. Educ. Rio de Janeiro. 2006.

HOBSBAWM, E. J. **Nações e nacionalismos desde 1870**. RJ: Paz e Terra, 2002.

HEREDIA. J.D.R. **Nós, os ciganos**. Editorial Franciscana. Braga. 1974.

HILKNER. R.A.R. **Ciganos: Peregrinos do Tempo – Ritual, cultura e tradição**. Campinas- SP. 2008.

MACÊDO. O. **Ciganos, natureza e cultura**. Rio de Janeiro. Editora Imago. 1992.

MAIA. E. L. **O testamento mágico dos ciganos**. Lisboa. Editorial Vega. 1978.

MEIRELES. C. **Motivo**. Antologia Poética. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 2001.

MOONEM, F. **Políticas Ciganas no Brasil de 1988 a 2010**. Recife. 2011.

MORAES. V. **A morte**. In: Poemas, Sonetos e Baladas. São Paulo. Gaveta. 1946.

MORAIS. L.S.P. **“Veio a ordem de andar”: relações identitárias e espaciais entre os ciganos Calon no município de Carneiros/AL**. Alagoas. 2015.

NOVITCH. M. **Os ciganos e o terror nazista**. Rio de Janeiro. 1984.

PATERNINA. H.A.; GAMBOA, J.C. **Los Gitanos: Tras la huella de um Pueblo nomade**. Colombia. Nómadas. 1999.

PEREIRA. C.C. **Lendas e histórias ciganas**. Rio de Janeiro. Editora Imago. 1991.

PEREIRA. C.C. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro. Rocco. 2009.

REDE GLOBO. **Novela Velho Chico**. Rio de Janeiro. 2016.

SANT'ANA. M.L.B. **Os ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas**. São Paulo. 1983.

SECRETARIA DE POLÍTICAS DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL. **Guia de Políticas Públicas para Povos Ciganos**. Brasília. 2013.

SOUZA, M.A. **Construções identitárias ciganas e codificações políticas na esfera pública**. 2012.

TEIXEIRA. R.C. **História dos Ciganos no Brasil**. Núcleo de Estudos Ciganos. Recife. 2008.

VAZ. A.D. **José, Tereza, Zélia... E sua comunidade: Um território cigano**. Revista Trilhos. Pires do Rio. 2005. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/215/o/Vaz_ademir_divino_territorio_cigano.pdf. Acessado em: Junho de 2016.

ZUCCHETTI, D.T.; MOURA, E.P.G. **Explorando outros cenários: Educação Não Escolar e Pedagogia Social**. In: Revista Unisinos de Educação. São Leopoldo: Unisinos. 2007.

Filmografica:

Chocolate. 2000 · Romance · 2h 1m. **Data de lançamento:** 16 de fevereiro de 2001 (Brasil). **Direção:** Lasse Hallström. **Música composta por:** Rachel Portman. **Indicações:** Oscar de Melhor Filme, mais **Prêmios:** Prêmio do Sindicato dos Atores: Melhor Atriz Coadjuvante, mais. **Elenco:** Johnny Depp, Juliette Binoche, Vianne Rocher, Judi Dench

Videográficas:

TV BRASIL. **Ciganos: "Minha pátria é onde estão meus pés"**. 2014. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/ciganos-minha-patria-e-onde-estao-meus-pes>> Acessado em: Setembro de 2016.

Imagéticas:

Figura 1: CONSEJO ESTATAL DEL PUEBLO GITANO. **Campanha "Yo no soy trapacero"**. Espanha. 2015. Disponível em: <<https://www.gitanos.org/actualidad/dossieres/110637.html>>. Acessado em: Junho de 2017.

Figura 2: GOGH, V.V. **Acampamento cigano perto de Arles**. França. 1888. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Vincent_van_Gogh-The_Caravans_-_Gypsy_Camp_near_Arles.JPG>. Acessado em: Junho de 2017.

Figura 3: Autor desconhecido. **Sem título.** Disponível em: <<http://www.diocesedebragancapa.org.br/novo/index.php/conteudo/item/686-bem-aventurados-felizes-os-misericordiosos>>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 4: CityPress24/FramePhoto. **Sem título.** UOL.com.br. Cidade do Vaticano. 27/10/2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/album/album-do-dia/2015/10/27/imagens-do-dia---27-de-outubro-de-2015.htm#fotoNav=13>>. Acessado em: Setembro de 2016.

Figura 5: Gipsy Âmeli. **Be free as a gipsy.** Saintes-Maries de la Mer. 2016. Disponível em: <http://68.media.tumblr.com/107f069d2f8a950e6f9fb3b16ea5d57d/tumblr_oants00dHD1uxt16ko7_1280.jpg>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 6: Rede Globo. **Novela Velho Chico.** Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XxiRQGKLsPI>>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 7: Autor desconhecido. **Sem título.** Disponível em: <<http://www.taromancia.com.br/wp-content/uploads/2015/10/Quiromancia.jpg>>. Acesso em: Maio de 2017.

Figura 8: HIGA, R. **Sem título.** São Paulo. 2017.

Figura 9: Autor desconhecido. **Sem título.** Rio de Janeiro. 1961. Disponível em: <<http://imgur.com/CvPP36U>>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 10: Autor desconhecido. **Sem título.** Santo André, SP. 2012. Disponível em: <<http://algranadoocara.blogspot.com.br/>>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 11: Fine Art America. **Sem título.** Disponível em: <<https://www.pinterest.pt/pin/390335492682711742/>>. Acessado em: Maio de 2017.

Figura 12: GIRODO, A. E. **Sem título.** Guarulhos, SP. 2014.

Figura 13: SPAIN, M. **Sem título**. Londres. 1998. Disponível em: <<https://br.pinterest.com/pin/511369732666584985/>>. Acessado em: Maio de 2017.